



SEGURANÇA₃

ACERVO CINEGRI

CINEMA, GEOPOLÍTICA E
RELAÇÕES INTERNACIONAIS

FEVEREIRO 2020



NUPRI
Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais

USP

BOLETIM SEGURANÇA₃

ACERVO

CINEGRI

PRODUÇÃO

APOIO



NUPRI
Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais



ACERVO

CINEGRI

EDIÇÃO E DIAGRAMAÇÃO

Kelly Barbosa

REVISÃO

Larissa Santos

AUTORES

Rayssa Mendes Ayrton Ribeiro
Aline Batista Rodolpho Hockmuller
Sandro Vieira Leonardo de Angelis
Rodrigo Lima José Bento Camassa
Nayara Moraes Luísa Tarzia
Gabriel Pace

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Rafael Villa
Larissa Santos
Rayssa Mendes
Rafaela Gobbo

COMO CITAR (ABNT):

CineGRI, *Boletim Segurança*. *Acervo CineGRI*, São Paulo, v.1, n.2, Fevereiro de 2020.

 Rua do Anfiteatro, 181, Favo 7
Butantã, São Paulo/SP, 05508-060
 cinegri.gestao@gmail.com
 +55 11 3091-3044
 www.cinegri.com

O conteúdo não reflete necessariamente a opinião do CineGRI,
mas a dos respectivos autores.



NUPRI
Núcleo de Pesquisa em Relações Internacionais



This publication is licensed under the terms of Creative Commons Attribution-Share Alike Conditions 4.0 international, CC BY-SA 4.0 (available at: <https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/legalcode.de>)

SUMÁRIO

05 Prefácio

06 Editorial

08 Operações de paz

17 Violência Armada

26 Espionagem

43 Narcotráfico

67 Fontes e Referências



PREFÁCIO

Olá!

Você já parou para pensar como a geopolítica e as relações internacionais se materializam em nossa vida cotidiana?

Greenwich ou o meridiano zero, estar localizado na Inglaterra não é mera coincidência. Isso é geopolítica! E denominar quem está “atrasado” ou “adiantado” segundo “O grande relógio do mundo” reverbera profundamente nas relações internacionais. Do mesmo modo a internet com todo seu poder econômico e cultural é centralizada pelos Estados Unidos, tanto que quando nos dirigimos a sites vinculados ao país utilizamos a sigla “.com” enquanto que aos outros incorporamos a mesma conjuntamente com a do país, como em “.com.br”.

E se nós iluminássemos mais essas duas importantes questões observando-as sob as lentes cinematográficas, que tal?

O **Acervo CineGRI** é a seleção de textos redigidos pelos nossos bolsistas e voluntários ao longo desses 4 anos de projeto que vai exatamente nessa linha de reflexão. Todo esse conteúdo armazenado foi dividido em 6 grandes grupos temáticos: Poder; Segurança; Direitos humanos; Desigualdade Espacial; Identidade.

Aqui você encontrará alguns dos principais assuntos que permeiam a geopolítica e as relações internacionais sendo debatidos através das projeções de quadros imagéticos construídos pelo cinema, como por exemplo, a fracassada política de guerra às drogas; banalização de identidades produzida pela indústria cultural etc.

Assim, **Segurança** foi escolhido como nosso segundo boletim por se tratar de um tema permanentemente em voga na sociedade regada de avanços tecnológicos e conflitos sociais que se configura após a segunda revolução industrial e o sentimento de incerteza em relação ao futuro deixado pela segunda grande guerra. Ele foi agrupado nos tópicos: Operações de paz; Violência Armada; Espionagem. A ideia é que ao ler os textos que o constitui, assim como os que estão por vir em nossas próximas edições, você possa adentrar as diversas dimensões que rondam o tema por outro ângulo.

Bora lá?

EDITORIAL

A necessidade de estabilidade é inerente ao homem moderno, tanto para perpetuar o plano de dominação política e social de um povo sobre outro, construído ao longo dos séculos por discursos ligados a falsas lendas como o destino manifesto e a superioridade racial, quanto para escondê-lo. Desse modo tornou-se necessária a criação de meios que garantem a instauração de entidades invisíveis aos olhos desatentos, que passariam a guiar figuras políticas, governos e nações alterando assim os rumos da história. E foi assim que as práticas de **SEGURANÇA** passaram a ser instrumentos de guerra exterminadores de liberdades individuais do inimigo projetado.

Nesse sentido, você já parou para pensar porque tantas figuras políticas aparecem em fotografias e quadros com uma das mãos escondidas dentro do paletó? Esse era um símbolo de comunicação mútua usado antigamente por membros de sociedades secretas que ao estilo das organizações de espionagem trabalham por baixo dos panos em defesa de seus interesses. Desde políticos a celebridades, todos tinham o objetivo de assegurar o seu alto patamar na pirâmide social se valendo de seu poder econômico. O período de instabilidade gerado em meio a guerra fria deu efervescência a vários desses grupos ocultos.

Entre essas organizações que desempenharam serviços secretos tivemos KGB, o temido serviço de inteligência da União Soviética, que possui vestígios que datam do período anterior a revolução de 1917, da qual o atual presidente da Rússia, Vladimir Putin fez parte, passando cerca de cinco anos na Alemanha Oriental em uma de suas missões.

Em 1945 com a criação da ONU e sua meta de espantar o ar de disputa e um possível revanchismo dos países do eixo no que configura uma terceira grande guerra foi creditada a esperança a respeito da resolução da letalidade criada dessas fronteiras estabelecidas ao redor do globo em prol de vantagens particulares. Porém, como a história se repete, muitas vezes os interesses das 5 potências permanentes ao conselho de segurança que tem direito a veto são colocados na frente de ações necessárias para tais fins.



Falando em interesses de potências, em 2013, graças a divulgação de dados da Agência nacional de inteligência norte americana feita pelo ex agente Edward Snowden, parte da população global passou a desconfiar da famosa desculpa dada pelos Estados Unidos em seus programas de vigilância contra terrorismo e a fajuta guerra às drogas. Até o Ministério de Minas e Energia do Brasil foi hackeado, com a ajuda do Canadá, afinal de contas esse papo de nações amigas nao existe em campo minado.

Relacionado a todo esse processo de instauração de uma guerra e um inimigo em meio a segurança pública e particular para fins únicos de soberania de determinados grupos, temos a enorme influência política que a indústria das armas vem adquirindo, principalmente no Brasil, e o enfraquecimento das leis que controlam o armamento da população, a exemplo o decreto de 15 de janeiro de 2019 que alterou o artigo 7 do estatuto do desarmamento e flexibilizou a posse de arma de fogo.

Essa lógica da truculência, desrespeito à liberdade e humilhação das populações menos abastadas economicamente governa a maioria das ações relacionadas a esse tema tão amplo denominado "Segurança" A tática da guerra ao desconhecido ou reinventado cria um mundo perigoso onde as forças que deveriam ser de proteção passam a agir em busca de alvos específicos a serem conquistados.

Tá vendo? Essa é uma discussão que dá margem a muitas interpretações e linhas de pensamento. Será existem medidas " em prol da segurança comum" que não sejam pano de fundo para a realização dos interesses de determinados indivíduos e corporações? A partir de agora você é nosso convidado para trocar uma ideia a respeito de algumas situações onde as ações cênicas permitem esse debate.

Boa leitura!





OPERAÇÕES DE PAZ



OPERAÇÕES DE PAZ E O RELATÓRIO BRAHIMI: DO UNIDIMENSIONAL AO MULTIDIMENSIONAL



As operações de paz da ONU, em muitos contextos, têm sido verdadeiros pretextos para o uso da força. Embora a carta das Nações Unidas, escrita ao final da 2ª Guerra Mundial, mostre a preocupação com a manutenção e promoção da paz[1], estes parâmetros, no entanto, definidos pelos próprios membros do Conselho de Segurança, gera, na prática, uma ostensiva ação militar em diferentes países.

Apesar disso, é importante ter em vista que as próprias operações não funcionam da mesma forma desde que começaram a ocorrer. A mudança no caráter da missões advém principal-

mente do fim da Guerra Fria, quando toda a configuração geopolítica mundial se altera, assim como as relações internacionais. As operações adquirem maior complexidade, sobretudo com o Relatório Brahimi já nos anos 2000, cujo objetivo era justamente reformar as operações de manutenção da paz. Assim, as missões deixaram de ser unidimensionais, para se tornarem multidimensionais, também porque os próprios conflitos se complexificam, basicamente, ao mudarem de interestatais para intraestatais.

As produções cinematográficas trazem muitos debates a respeito das operações, antes e depois da reforma, muitas produções baseadas em fatos reais. De 2010, *A Informante* aborda o caso da Bósnia, de caráter unidimensional, e a corrupção de membros das forças de paz da ONU, atuantes na região, evidenciando a partir disso a necessidade de reformulação das operações. Na mesma linha, *Falcão Negro em Perigo* (2001), retratando a Somália, aborda uma missão fracassada dos Estados Unidos na região. Em *A História de um Massacre* (2005), um general das nações unidas é mandado para Ruanda e, ao vivenciar a difícil realidade que o país se encontrava, negligenciado pelas grandes potências, luta para evitar o massacre que deixou milhares e milhares de mortos.

Já para uma abordagem a respeito do caráter multidimensional, Sergio (2009), um filme-documentário que fala do brasileiro Sergio Vieira de Mello, Alto Comissário das Nações Unidas para os Direitos Humanos, morto em um atentado em Bagdá, em 2003. A produção mostra que esse novo momento demanda muita ponderação e atenção na construção de um Estado. Também The Peacekeepers (2005) aborda esse momento multidimensional, retrata as operações no Congo e aborda questões atuais envolvendo conflitos mais recentes, como no Iraque, retoma também Ruanda e sua herança traumática para a manutenção da paz.

Sob diferentes aspectos, esses filmes retratam a configuração geopolítica mundial e as grandes mudanças que tem sofrido, sobretudo pós-Guerra-Fria e, com elas, as transformações nas próprias relações internacionais. Não só as atuações mudam, como os atores têm mudado e, por isso, é importante acompanhar questões tão importantes como as que envolvem a agenda da ONU para as operações de paz. Essas mudanças são particularmente importantes para nós, brasileiros, uma vez que o próprio Sul Global, como convencionou-se chamar, se torna um ator nessas missões.

[1] A carta pode ser lida na íntegra em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d19841.htm

[2] Capítulo VII da Carta das Nações Unidas

Rayssa Mendes. Graduanda em História (FFLCH-USP), ex bolsista do Projeto CineGRI.

BRASIL NO HAITI - AS OPERAÇÕES DE PAZ E O SUL GLOBAL



Continuando com o tema das Operações de Paz e retomando o que foi discutido no post anterior (que você pode conferir aqui), vimos que as operações sofreram grandes alterações, após o fim da Guerra Fria mas, principalmente, já nos anos 2000 com o relatório Brahimi. Essas mudanças trouxeram novas perspectivas à atuação das Nações Unidas e, sobretudo, novos atores passaram a protagonizar o processo. O Sul Global, categoria amplamente utilizada nas relações internacionais, passou a ter um importante papel nas operações e um dos países que se destaca nesse processo é justamente o Brasil. Tendo participado de operações no Timor Leste e atuando no Haiti, no qual encerra suas atividades na região ainda esse ano, por algum tempo, durante os governos petistas principalmente, essa atuação era de extrema importância no âmbito da política externa e das atividades econômicas, além do prestígio que poderia trazer nas relações internacionais.

A Minustah, como ficou conhecida a operação que teve a participação brasileira, no Haiti, conta com um curto documentário oficial de mesmo nome, de 2011, que mostra um pouco da participação do Brasil na região, em tom bastante otimista. Tal protagonismo se mostra importante na re-configuração das relações de poder, tanto em âmbito regional, quando em âmbito internacional. A atuação do Sul Global, de modo geral, pode ser vista como uma forma de fortalecer outras nações que não as grandes potências, como também, para o caso brasileiro, uma forma de fortalecimento do país na América Latina.

A Monusco, missão das Nações Unidas na República Democrática do Congo, também teve a participação de países do chamado Sul Global, por exemplo a Índia, que junto ao Paquistão e a Bangladesh, teve forte atuação na região. Sobre a operação, Jambo Amani (2013) é um importante documentário a esse respeito. Ainda que os anseios e posicionamentos, por parte dos países atuantes, sejam números, assim como os países que sofrem as intervenções tenham em comum, muitas vezes, "apenas" a situação de vulnerabilidade, as missões de paz da ONU parecem ter encontrado, nos últimos anos, novas configurações geopolíticas, ainda que se mantenha muitas das velhas práticas. A

reformulação, teórica e prática, das missões levaram, nesse sentido, à uma nova dimensão as relações de poder. Multipolar ou não, é inquestionável que as relações internacionais ganharam novo arranjo a partir das recentes operações. E novos atores.

Fontes:

BRACEY, Djuan. O Brasil e as Operações de Manutenção da Paz da ONU: Os casos do Timor Leste e Haiti. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-85292011000200003&script=sci_abstract&tlng=pt

KENKEL, Kai Michael e MORAES, Rorigo Fracalossi de. O Brasil e as Operações de Paz em um mundo globalizado: entre a tradição e a inovação. Brasília, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/3041>

Rayssa Mendes. Graduanda em História, ex bolsista do Projeto CineGRI.

OPERAÇÕES DE PAZ DA ONU #TOP 10

De acordo com o Conselho de Relações Exteriores dos Estados Unidos (CFR), (que inclusive apresenta em seu site um mapa interativo indicando as devidas localizações), temos hoje acontecendo ao redor do mundo 28 conflitos, classificados pelo próprio site como conflitos “críticos” “significantes” e “limitados”. Conflitos que não necessariamente estão ligados a disputas territoriais ou entre países, mas também questões como guerra civil, instabilidade política, violência criminal, etc, e que podem em algum momento estarem sujeitas a intervenções por parte das Missões de Paz da ONU. Num mundo cada vez mais conflituoso e de difícil compreensão, é de fundamental importância que a multiplicidade de olhares frente ao que ocorre, seja expresso de formas a se atingir o máximo possível de pessoas. E nessa hora, vemos a importância de filmes e documentários que buscam trazer exatamente essa diversidade de visões, principalmente quando estes conseguem a proeza de superar as fronteiras e chamar a atenção do mundo para situações que muitos sequer fazem ideia de que realmente ocorrem.

Assim, apresentamos o #Top10 |Operações de Paz:

1- Tiros em Ruanda (2005)



Um dos conflitos mais marcantes dos últimos tempos, ganha aqui uma leitura que versa entre

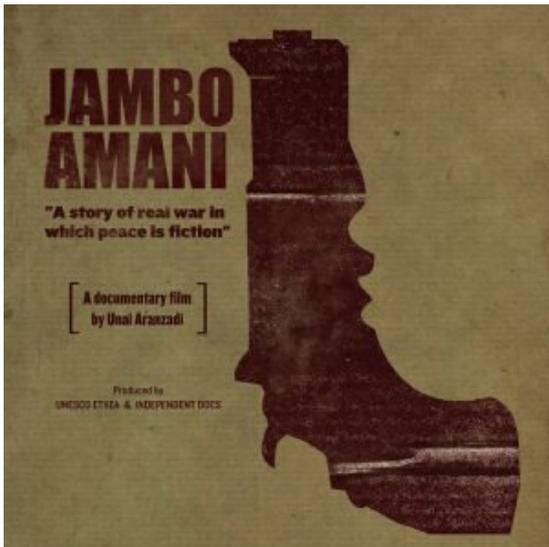
o cinema e a reportagem jornalística ao trazer não só locações reais, como também pessoas que estiveram presentes atuando como figurantes e na produção do filme. O filme conta a história de um padre e um professor que atuam numa escola onde também estão tropas da ONU e pra onde tentam se abrigar os milhares de Tutsis fugindo do massacre promovido pelos Hutus. Um filme que emociona sem precisar apelar para um sentimentalismo raso, tão presente em outros filmes com tema similar.

2- Terra de ninguém (2001)



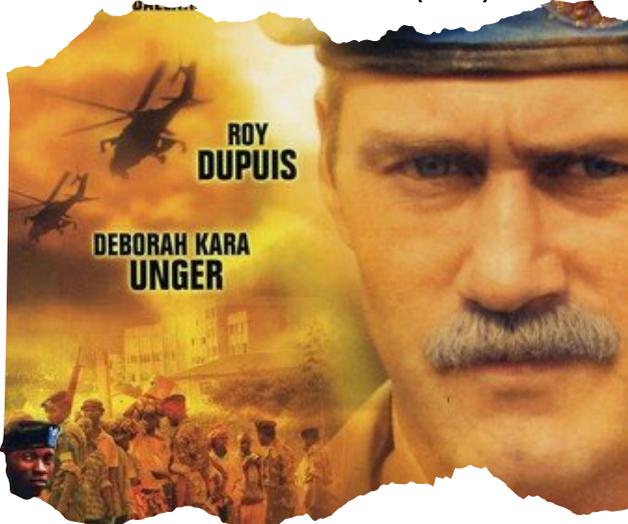
Filme vencedor do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro em 2002, traz uma situação inusitada envolvendo dois soldados que lutam por lados opostos no conflito Sérvia-Bósnia, ao mesmo tempo em que usa da ironia para mostrar a incompetência das Forças de Paz da ONU envolvidas no conflito. A passividade com que a entidade trata a questão só é quebrada quando entra em cena a imprensa, o que acaba evidenciando ainda mais o tom crítico do filme.

3- Jambo Amani (2013)



Documentário que mostra a dura realidade de um grupo de milicianos da FDLR (Forças Democráticas para a Libertação de Ruanda), que aceita participar do programa da ONU para renunciar a violência que acompanha suas vidas desde a época em que ainda crianças, eram recrutados. Através do documentário, é possível perceber as enormes falhas desse processo, pois alguns deles preferem voltar às milícias quando se deparam com as novas dificuldades que surgem com a tentativa de readaptação frente ao antigo e único do modo de vida que conheciam.

4- A História de um Massacre (2015)



Não só mais um um filme que aborda a questão envolvendo o genocídio ocorrido em Ruanda sob

os olhares da ONU, mas também um verdadeiro documento sobre a inoperância burocrática da entidade frente aos interesses próprios de nações que parecem prevalecer sob os direitos humanitários. Baseado no livro autobiográfico de Romeo Dallaire, comandante das Forças de Paz da ONU presente durante o massacre em Ruanda, o filme é um relato cru e realista de como a vida humana parece perder valor diante da omissão daqueles que teriam o dever de preservá-la.

5- A Informante (2010)



Aqui temos outro filme que também aborda o conflito entre Bósnia e Sérvia, mas dessa vez, o foco é no envolvimento de diversas autoridades com as atividades de tráfico de pessoas. Baseado em histórica verídica, o filme acompanha a luta de uma agente pacificadora da ONU, que praticamente sozinha, enfrenta toda uma rede ligada a sequestros e aliciamento de jovens garotas.

6 - U.N. Me (2009) (David Winters, 1987)



Este documentário de 2009, procura buscar respostas sobre a nítida mudança de caráter nas operações de Paz da ONU desde suas primeiras ações, até os dias atuais. Utilizando de um formato que ficou conhecido com os filmes do cineasta Michael Moore, o documentário explora de forma muito consciente os depoimentos e entrevistas com diversos membros da organização, evidenciando as falhas e contradições, que costumam custar a vida de milhares de pessoas.

7 - Um dia perfeito (2015)



Fazendo se valer de um tom mais humorado perante as tantas mazelas ocorridas durante a guerra entre Sérvia e Bósnia, o diretor Fernando

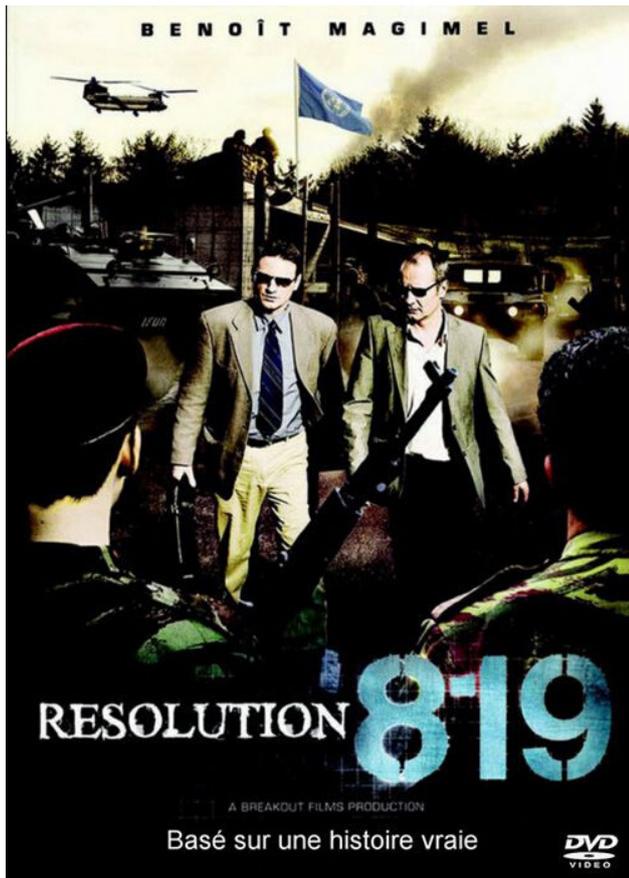
León de Aranoa realizou um belo filme sobre o cotidiano de um grupo de ajuda humanitária que precisa retirar um corpo de um poço antes que este contamine o único acesso a água de uma região castigada por conflitos. Contando com um elenco de peso e com muitos rostos conhecidos do grande público, o filme é um bom exemplo de como trazer um pouco de otimismo frente a situações que mais parecem eminentes tragédias. Ainda assim, em nenhum momento tenta camuflar a extrema dificuldade de sobrevivência dos povos vitimados pela guerra.

8 - O Cerco a Jadotville (2016)



A intervenção da ONU na Guerra civil do Congo é o tema desse filme que foca um grupo de soldados irlandeses enviados ao país para defender a população dos mercenários katanganeses. O grande problema aqui é que o grupo, além de inexperiente em conflitos armados, também chega praticamente sem recursos ao local. Com um elenco praticamente composto por brancos, o filme não consegue fugir de alguns clichês, assim como também não consegue abdicar de sua veia colonialista. Mas

9- Resolution 819 (2008)



Mais de sete mil mortos num intervalo de apenas quatro dias. Tido como o maior massacre europeu depois da Segunda Grande Guerra, o episódio ocorrido em Srebrenica é tratado em três atos no filme; Testemunhos, valas comuns e prisões. Assim, acompanhamos as investigações do comissário francês Jacques Cavez, voluntário responsável por conduzir as investigações sobre os crimes de guerra cometidos durante os conflitos entre Bósnia e Sérvia. O título do filme remete ironicamente a operação da ONU que deveria garantir a segurança da população muçulmana frente à maioria sérvia.

10 - Minustah (2011)



Este documentário produzido pelo Exército Brasileiro, mostra um pouco do cotidiano da missão brasileira no Haiti, mas também oferece uma bela introdução sobre a história daquele país, que foi o primeiro da América Latina a se tornar independente, assim como também, o primeiro a abolir a escravidão. Mesmo deixando evidente o alto teor propagandista do Exército Brasileiro, o documentário tem sua importância por mostrar a atuação de um país do sul global, liderando uma operação desse porte.

Sandro Vieira. Graduando em Geografia (FFLCH/USP), ex bolsista do Projeto CineGRI



VIOLÊNCIA ARMADA



AS DIFERENTES FACES DA VIOLÊNCIA ARMADA



Após um mês discutindo temas relacionados às Operações de Paz da ONU, o #ProjetoCineGRI inicia, com este post, um tema complexo, amplo e, principalmente, necessário: Violência Armada. A violência armada está presente em muitas situações, até mesmo quando ela não está fisicamente presente. Ela está presente, como vimos, nas operações de paz, no Estado, nas periferias, em UPP's, escolas, casas, televisão, empresas. A violência armada está em toda parte.

Historicamente, definimos o uso da força como legítimo ou ilegítimo. Por muito tempo, nas ciências sociais, era consenso afirmar que o uso legítimo da força pertencia ao Estado, assim, por exemplo, na repressão às manifestações feita pela PM, no extermínio diário de pobres e negros nas periferias. O uso ilegítimo, por extensão, sempre significou todo e qualquer exercício da violência que não fosse os que aceitamos, cotidianamente, como 'normais'.

Apesar disso, a violência armada se transmuta e sua aceitação toma diferentes formas. A segurança privada, que muitas vezes age com um 'poder simbólico' tanto quanto coercitivo, é um desses exemplos de legitimação ilegítima do uso da força. O poder simbólico, nesse sentido, consiste no que a mera presença desses atores pode representar, quando câmeras, telas e fardas registram e monitoram nossos passos.

De fato, as armas estão mais presentes do que se possa parecer em um primeiro momento. Os Estados Unidos parecem ser a maior referência no que diz respeito à legalidade e legitimidade da violência armada, com a cultura do porte de armas amplamente difundida. É um pouco do que nos mostra o documentário de Michael Moore - *Tiros em Columbine* (2002) - a partir do conhecido caso de Columbine, no Colorado, em que dois adolescentes mataram 14 estudantes e um professor na escola, com as armas dos pais, o documentário trata da cultura bélica norte-americana. Cultura bélica e extremamente violenta.

Além disso, violência armada tem uma forte componente racial. Não é exclusividade brasileira a morte massiva de negros, nos Estados Unidos essa questão é igualmente sintomática, como tem evidenciado o movimento Black Lives Matter (vidas negras importam), tema abordado pelo documentário *Black Lives Matter - O Movimento Negro Hoje*, lançado recentemente. De outras maneiras a questão étnico-racial está presente, normalmente relacionada às periferias, como vemos também no filme francês *La Haine* (O Ódio), de 1995, que, além de mostrar a violência contra grupos minoritários habitantes dos subur.

subúrbios de Paris, composto por judeus, árabes e outros, também aborda a questão dos sentimentos de 'ódio' e 'vingança' que o uso da violência - a violência do Estado e de sua polícia - pode gerar naqueles que vivenciam isso de perto. O filme traz isso de forma ainda mais simbólica ao colocar árabes e judeus lado a lado na luta contra o uso 'legítimo' da força.

A violência e a cultura das armas está presente nas nossas vidas, muito mais do que pretendem os discursos pacifistas. Aliás, o discurso de paz muitas vezes é o principal legitimador do uso da violência. E é esse difícil tema que o CineGRI vai discutir ao longo das próximas semanas, trazendo um pouco mais sobre a questão da militarização, da indústria e do tráfico de armas, além, é claro, das nossas já tradicionais recomendações de filmes.

Rayssa Mendes. Mestranda em Ciências Sociais (PUC-SP) e graduanda em História (FFLCH-USP), ex bolsista do Projeto CineGRI.

POR TRÁS DO GATILHO_ A INDÚSTRIA, A BANCADA E A CULTURA DAS ARMAS



Violência armada, um tema amplo e polêmico. Como temos discutido, a violência armada tem diferentes formas, diferentes objetivos, diferentes atores. E, por trás dela, outros tantos atores. Qualquer um que já tenha visto *O Senhor das Armas* (2005), por exemplo, já se pegou pensando sobre a questão do tráfico internacional de armas, que envolve comércio e produção, o qual se relaciona tanto atividades ilícitas quanto lícitas.

Em 2005, o Brasil teve um referendo a respeito da comercialização de armas de fogo e munição no país, na ocasião, mais de 60% da população votou contra a proibição do comércio. A cultura das armas vem acompanhada pela ideia de autodefesa. É o argumento mais comum, por exemplo, dos membros da bancada da bala, no Congresso, a bancada que mais tem crescido nas últimas eleições e que tem como financiadores diretos não menos que empresas vinculadas à produção e ao comércio de armas.

O referendo mencionado, que propunha alterações no Estatuto do Desarmamento, ocorreu em 2005. Como o gráfico a seguir nos mostra, no período de 1980 a 2004, ou seja, no contexto do referendo, os gastos no orçamento federal, no que diz respeito ao armamento, caíram seguidamente. [1] Note-se que o período

analisado se refere ao fim da ditadura militar. Nesse regime, por motivos aparentemente óbvios, a questão das armas era mais central.

Além disso, no que diz respeito à bancada da bala, segundo o TSE, o deputado Marcos Montes recebeu R\$40.000 da Associação Nacional da Indústria de Armas e Munições (ANIAM) em 2010 e na campanha de 2014 recebeu R\$15.000 da Forjas Taurus e outros R\$15.000 da Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC). [2] Segundo a instituição Viva Rio, "a Forjas Taurus S.A. e a Companhia Brasileira de Cartuchos (CBC) são quase monopólios para, respectivamente, armas de cano curto e munições para armas de pequeno porte e ambas continuam mantendo fortes laços com instituições brasileiras de defesa e segurança pública. A outra peça importante no mercado de armas de pequeno porte, a IMBEL, é uma empresa pública, administrada pelo Ministério da Defesa, com fortes laços com o Exército, e é em grande parte uma produtora de armas e munições militares. Juntas, elas ajudaram o Brasil a consolidar sua posição como um produtor e exportador médio de APPL, o segundo maior no Continente Americano". [3]

Como se pode ver, o discurso da "autodefesa" anda de mãos dadas com todos os interesses políticos e econômicos que a questão do armamento carrega. E que não são poucos. Em outras instâncias, se relacionam também com o tráfico e a guerra às drogas. Mas talvez o que a cultura do armamento tenha de mais ameaçador é aquilo que ela não revela de modo explícito. É um pouco do que mostra o documentário de Michael Moore, *Tiros em Columbine* (2002), a respeito da cultura violenta norte-americana consequência da cultura das armas, a qual nem Barack Obama conseguiu sequer levar o debate adiante, na ocasião dos ataques na boate gay Pulse, em 2016, devido ao forte lobby da indústria bélica e armamentista no congresso estadunidense.

O principal argumento de Obama, também tratado pelo documentário, diz respeito à necessidade de se debater as consequências negativas de se ter uma arma em casa, inclusive e sobretudo nesses casos, para a sociedade como um todo. De fato, no caso Columbine, em que dois jovens entraram em uma escola, no Colorado, e mataram doze estudantes e uma professora, com a arma que seus pais tinham em casa, mostra um pouco da violência que a cultura do armamento pode, direta ou indiretamente, trazer.

Nos Estados Unidos, este caso, infelizmente, não é isolado. E é muito característico das relações que ali se vinculam à indústria das armas. No entanto, em cada parte e de diferentes formas, as armas estão relacionadas à inúmeras tipificações da violência, envolvendo diferentes esferas sociais. Ao que parece, o principal fator comum ao redor do globo, no que diz respeito à indústria das armas, é fatalmente a cultura violenta que cria e seus responsáveis atuantes transnacionalmente. Parece ter menos a ver com quem puxa o gatilho em si e mais a ver com quem está por trás de todo o processo até que este mesmo gatilho seja puxado.

[1] Fonte do gráfico: Secretaria do Tesouro Nacional - Ministério da Fazenda, análise extraída do estudo da instituição Viva Rio - A Indústria Brasileira de armas leves e de pequeno porte: Produção Legal e Comércio, de Pablo Dreyfus, Benjamin Lessing e Júlio Cesar Purcena, disponível

em: http://vivario.org.br/publique/media/A_industria_brasileira_%20de_armas_leves_e_de_pequeno%20porte_producao_legal_e_comercio.pdf

[2] Informação extraída de Instituto Sou da Paz: <http://www.soudapaz.org/noticia/deputados-da-bancada-da-bala-e-industria-de-armas-de-maos-dadas-na-analise-do-projeto-que-revoga-o-estatuto-do-desarmamento>, que mostra que os dados referentes à essa informação estão disponíveis em: <http://www.tse.jus.br/>.

[3]Fonte: http://vivario.org.br/publique/media/A_industria_brasileira_%20de_armas_leves_e_d_e_pequeno%20porte_producao_legal_e_comercio.pdf

Rayssa Mendes. Mestranda em Ciências Sociais (PUC-SP), graduanda em História (FFLCH-USP), ex bolsista do Projeto CineGRI.

VIOLÊNCIA ARMADA #TOP10

Quando iniciamos o mês, tratando do tema “Violência Armada”, sabíamos que estávamos lidando com um assunto cuja amplitude poderia nos levar pelos mais diversos caminhos, que mesmo conectados por uma espécie de “ponto matriz”, nem sempre poderiam evidenciar alguma relação sob um olhar mais superficial. Ainda assim, acabamos nos deparando com algumas situações muito parecidas e que justificam muitas das escolhas desse #Top10.

Claro que diante de um mundo, cada vez mais dominado e caracterizado pela hegemonia do capital, alguns problemas tendem a se repetir de forma muito similar em diversas partes do globo, onde a distância geográfica entre dois pontos acaba sendo o fator menos preponderante que as mazelas que ultrapassam territórios, idiomas e quaisquer outras particularidades.

Assim, o #TOP10 desse mês traz uma seleção de filmes e documentários que abordam o tema por diversas formas, tanto no âmbito internacional, como também no local, e procura manter aquilo que muito prezamos, que é a possibilidade não só de provocar, mas também de enriquecer ainda mais os debates.

Com vocês, o #TOP10 “Violência Armada”.

1 - Querida Wendy (2005)



Funcionando como uma curiosa sátira à cultura de armas do povo americano, Querida Wendy, tem como diretor e roteirista, dois importantes cineastas do movimento Dogma, (Thomas Vintenberg e Lars Von Trier, respectivamente).

A história gira em torno de um grupo de jovens “losers” que ao adquirirem uma arma (batizada carinhosamente de Wendy), passam a venerá-la, mesmo se autodenominando pacifistas.

2 - Eu Não Sou Seu Negro (2017)



Este documentário parte de um manuscrito inacabado de autoria de James Baldwin, importante figura dos movimentos americanos anti-segregação racial entre as décadas de 1960 e 1970. Com narração do ator Samuel L Jackson e aparições e entrevistas de Baldwin em imagens de arquivo, o documentário captura diversos

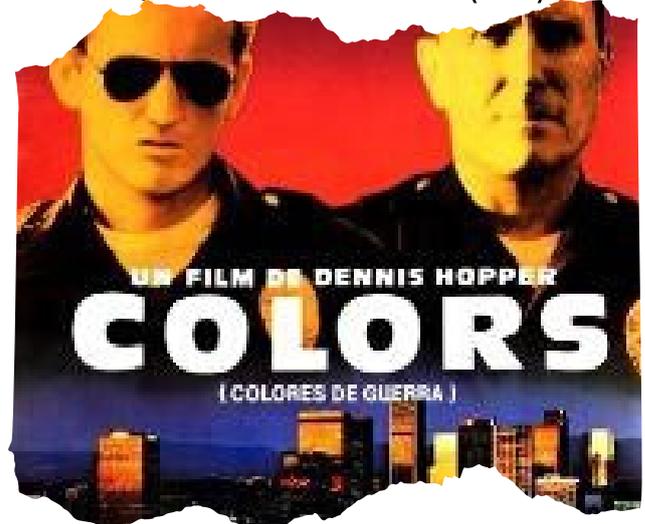
conflitos e momentos históricos, que apesar de remeterem a décadas atrás, parecem ter se perpetuado sob a sociedade de modo geral, pois ainda em 2017, continuamos a lidar com o preconceito, a opressão e a violência contra a população negra.

3 - Armas na mesa (2017)



“Armas na Mesa” não tem como foco central a questão das armas, mas mesmo assim não deixa de ser um filme fundamental para entender um pouco mais sobre a fatídica influência de lobistas, (que no filme também representam a indústria bélica), em políticas internas e externas que pouco se importam com as consequências que reverberam nas periferias do mundo. O filme, centrado na figura da lobista Elizabeth Sloane, mostra muito das estratégias ilegais utilizadas por ela para conseguir atingir seus objetivos, incluindo seu envolvimento com a bancada pró-armas do senado americano.

4 - Colors, As Cores da Violência (1988)



Em uma Los Angeles dominada pela guerra entre a polícia e as gangues de rua formadas por jovens negros e latinos, a relação entre dois policiais (um veterano e um novato), acaba sendo pano de fundo para mais uma vez mostrar que as práticas policiais sob a tutela do estado, procuram de toda forma legitimar a violência contra essas populações em nome de um suposto combate às drogas, mas que acaba causando um verdadeiro genocídio de pretos e pobres, assim como ocorre em outras partes do mundo.

5- Tiros em Columbine (2002)



Este que é um dos primeiros grandes sucessos na carreira do documentarista Michael Moore, premiado inclusive com o Oscar de melhor documentário em 2003, é mais uma tentativa de provocar o debate e a reflexão sobre a cultura de armas do povo americano.

Usando como artifício a tragédia ocorrida na Escola Columbine em 1999, em que dois estudantes do ensino médio, mataram doze colegas de classe, o filme explora a convivência (e estímulo) do Estado em relação à possibilidade da sociedade ter o direito de se armar para se proteger daquilo que considera ameaçador ao seu patrimônio.

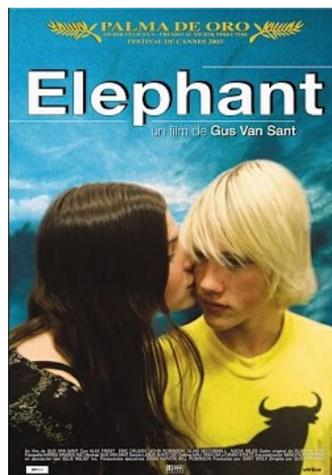
6 - O Júri (2003)



Interessante filme de 2003, estrelado por atores de peso, como Dustin Hoffman, Rachel Weisz, John Cusack e Gene Hackman, é um típico “filme de tribunal”, que mesmo apelando muitas vezes para um tipo de sentimentalismo barato e dispensável, como o de colocar um homem mais que exemplar como uma das vítimas de um tiroteio, traz também uma trama bem elaborada acerca do julgamento que coloca no banco dos réus a indústria armamentista, acusada de ser responsável direta por um assassinato múltiplo.

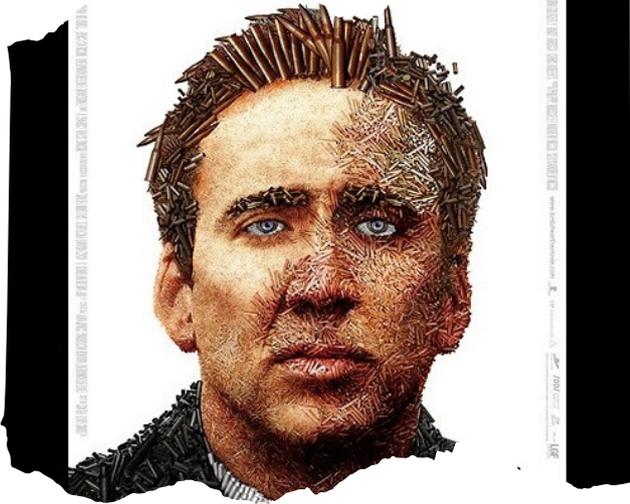
Ainda que durante o filme o tom acusatório do roteiro é mais focado nas situações envolvendo suborno, corrupção e manipulação do corpo de jurados, a questão que envolve a legalidade do uso de armas é fundamental para o desfecho (quase imprevisível) da trama.

7 - Elefante (2003)



Enquanto Michael Morre fez uso do cinema documental para tratar da tragédia em Columbine, o diretor independente Gus Van Sant optou por tratar do mesmo tema de forma mais artística, mas sem deixar de lado o tom crítico em relação à cultura de armas que é tão presente na vida dos americanos.

8 - O Senhor das Armas (2005)



Além do ator caricato em que se transformou Nicolas Cage nos últimos tempos, "O Senhor das Armas" também abusa da caricatura em muitos personagens retratados no filme, mas isso de forma alguma deve ser motivo para não assisti-lo, pois tudo acaba funcionando como uma eficiente sátira.

Através de uma narração em off feita pelo próprio Yuri Orlov, o cínico personagem vivido por Nicolas Cage, somos apresentados à sua incrível história em que se transforma de um simples imigrante ucraniano, a um dos maiores nomes do tráfico internacional de armas.

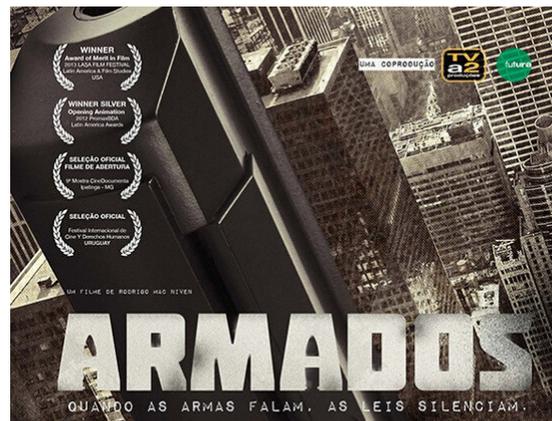
9 - Deal of the Century (1983)



Considerado por muitos como um dos piores filmes da carreira do renomado diretor Willian Fedkin, esta comédia talvez carregue tal pecha justamente por não ser totalmente compreendida. Toda ideia em torno do vendedor

de armas (vivido por Chavy Chase), que se vê numa situação limite em que precisa fechar negócio com um ditador da América do Sul, mas que ao mesmo tempo precisa lidar com seus conflitos morais, sob ponto de vista do sarcasmo e da ironia, podem funcionar bem e trazer a crítica necessária para o tema caso o espectador atente-se a esses importantes detalhes.

10 - Armados (2012)



Documentário que trata a questão do desarmamento no Brasil, e que utiliza depoimento de policiais, políticos, intelectuais, e vítimas da violência armada. Produzido no ano de 2012, os relatos procuram ilustrar de maneira muito rasa, um problema que é muito mais profundo, e que tem raízes em outras questões-chave, como por exemplo, as desigualdades sociais, a militarização das policias, entre outros. Ainda assim, e justamente por se apresentar dessa forma, o documentário se mostra importante no sentido de evidenciar um equívoco que também domina o pensamento geral da sociedade, que resume tudo ao velho maniqueísmo.

Sandro Vieira. Graduando em Geografia (FFLCH/USP), ex bolsista do Projeto CineGRI



Do You Want to Know a Secret?

Why WikiLeaks' message has
many of them
ASSIMO CALABRESI

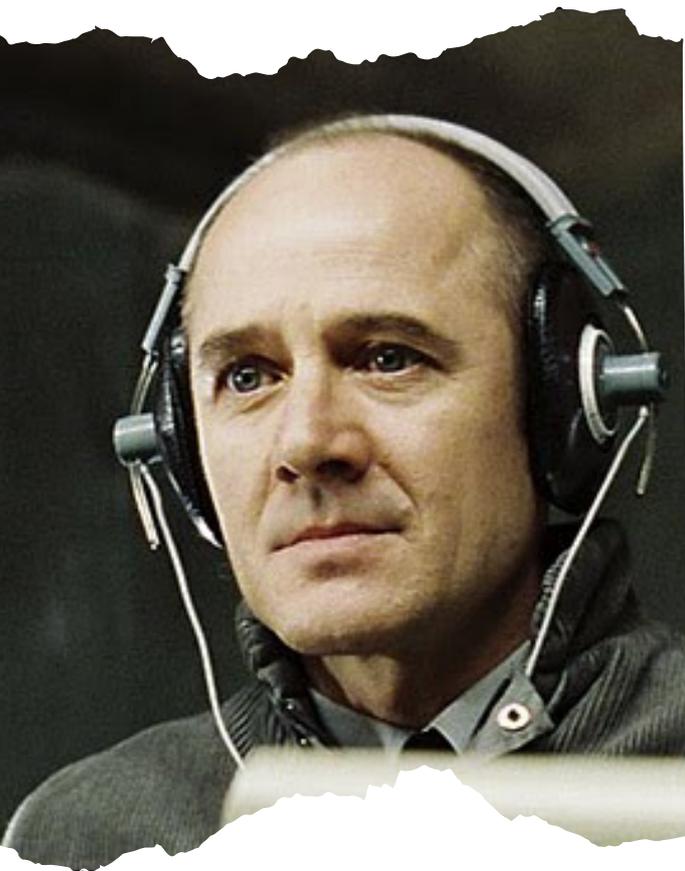
Why it hasn't
America
TED ZAKARIA



ESPIONAGEM



SOB OS OLHOS E OS OUVIDOS DE OUTREM: A HISTÓRIA E A GEOPOLÍTICA POR TRÁS DA ESPIONAGEM



Conhecida, pelo eufemismo moderno, como "Coleta de Informações", a Espionagem caracteriza sínteses de estratégias em embates diplomáticos e mesmo envoltórios armados nos campos de batalha; confeccionando um processo de agrupamento clandestino de dados sigilosos e confidenciais pertencentes a outrem, com o fim último da obtenção exclusiva de vantagens políticas, econômicas, militares, tecnológicas e sociais.

Sua existência advém talvez de um impulso designado pela curiosidade em descobrir os artifices e a logística da guerra, do "outro lado das fronteiras". A exatidão do início das práticas de espionagem, em uma periodização histórica, não nos fornece uma possibilidade de equiparação cronológica com o que, talvez, possamos entender hoje como espionagem, mas no que concerne os estudos arqueológicos, tabuletas de barro gravadas pelo povo Sumério em 3200 a.C apresentavam "operações de inteli-

gência" em procedimentos arcaicos, onde "espões" datavam informações mediante as defesas da Babilônia em meio à sinais de fumaça.

Em contraposição ao primeiro, em Amnésia a história caminha para trás e a cena seguinte vai sempre falar do que acontecera antes. Nos dois casos, indo adiante ou retrocedendo, a história utiliza um tempo linear que é próprio da noção de progresso e Análoga em costume estratégico à essas execuções, mas como forma de distinção, encontra-se a "contraespionagem". Como registro original e materializado do uso de textos cifrados, uma tabuleta da Mesopotâmia exemplifica o ato de prevenção estratégica apresentando a codificação de um dos maiores segredos Sumérios, "a fórmula do esmalte - datada como principal préstimo de sua indústria cerâmica", a linguagem em exclusividade eliminava a probabilidade de que as mensagens de instrução fossem lidas e aplicadas por povos inimigos, apresentando uma sobreposição de avisos que indicariam perigo à descoberta, expondo a procura de espões de outras civilizações, o que exigia preservação e segurança, evolução, surgido do mesmo ventre iluminista que partejou o mundo moderno.

Os textos bíblicos também apresentam a aplicação de procedimentos comuns às ações da espionagem, especificamente em passagens onde a sentença de Deus a Moisés é proferida ordenando o envio de homens para investigar e adquirir informações mediante a terra de Canaã. "Envie homens para espionar a terra de Canaã, que eu hei de dar aos filhos de Israel: de cada tribo de seu país enviareis um homem, sendo cada qual um príncipe entre eles" data do Antigo Testamento, em Números, capítulo 13, entre os versículos 17 e 20.

Já em territórios asiáticos, a exatidão e significância da "coleta de informações sobre o inimigo" obtém espaço instituído na célebre dissertação de Sun Tzu, general e estrategista chinês, que viveu durante o período dos Anos Combatentes e que obrigatoriamente estimava a obtenção de informações aos homens mais inteligentes de um exército, a serviço da espionagem, para o sucesso funcional. A "Arte da Guerra", escrita estimadamente no ano 500 a.C, compreende a obra literária mais antiga quanto às abordagens das atividades de infiltração e "operações de inteligência". "A condução bem sucedida de uma guerra repousa sobre a camuflagem e o engano" concluem as classificações estratégicas instituídas pela obra.

Auxiliando na compreensão do mundo, as produções cinematográficas ilustram acontecimentos que, se interligando com a ficção, contribuem para o "emolduramento" da realidade. O filme *A vida dos outros* (*Das Leben der Anderen* - 2006) ocupa a ilustração do real ao compor a contextualização da espionagem em práticas de guerras. A obra cinematográfica tem como pano de fundo os anos 80 e duas Alemanhas separadas pelo Muro de Berlim, seu enfoque são os suspeitos de infidelidade ao comunismo, vigiados por um capitão do serviço secreto que obtém verdadeiro fascínio por suas vidas.

A narrativa apresenta o significado da atividade para a obtenção de vantagens estratégicas em defesa de um Estado Nação ou respectiva ideologia, compreendendo o funcionamento e formalização de agências governamentais de inteligência dedicadas exclusivamente ao controle, à sobreposição para intimidação e ao domínio, projetando poder em recursos de vigilância. O desenvolvimento da longa-metragem, constitui o questionamento ante a pressão ocasionada pelo regime governamental estabelecido e suas consequências. "Eles contabilizando tudo, sabem de tudo... Quantos sapatos eu compro por ano... 2,3. Quantos livros eu leio por ano... 3,2. E quantos alunos se se formam com a nota máxima: 6347", pontuou o

dramaturgo, personagem ativo da obra, pautando a vigilância, a imposição e a indiscrição governamental.

De forma que nos perguntamos, ainda que sem perspectiva de respostas, quais os limites das práticas de espionagem? Seriam elas vantagens para defesa e proteção? Ou sintetizam o interesse em penetrar a vida, pessoal e coletiva, de determinados sujeitos, coletando informações, por vezes estabelecendo ameaças e recorrentemente demonstrando capacidade de controle? A atuação do agrupamento clandestino de informações obtém limitações? Em suma, a espionagem moldou os fundamentos históricos e pautou realidades que a "surpresa ante ao outro" não suplantou, modificou campos de batalha e moldou a estratégia de "eliminar a espera e agir sorrateiramente" para superar ações de alheia, sempre um passo à frente, como uma competição real e ilimitada, sob os olhos e ouvidos de outrem.

Aline Batista. Graduanda em Relações Internacionais (FMU), ex redatora e colaboradora do Projeto CineGRI

KGB- PASSADO, PRESENTE E FUTURO DA MAIOR REDE DE ESPIONAGEM DA HISTÓRIA

Tão logo Vladimir Putin ascendeu ao poder máximo de dirigente na Rússia, a imprensa mundial tratou de trazer à tona a informação de que esse mesmo homem que assumia o posto de presidente do país, já prestara serviço como um dos 480 mil membros da KGB durante um período da Guerra Fria.

Assim, até mesmo trejeitos e o comportamento de Putin serviram de repertório para relacioná-lo com o perfil típico de um membro da KGB, inclusive sua linguagem corporal, que segundo alguns, o fato dele andar com o braço direito junto ao corpo, seria um indicativo de estar sempre pronto para sacar uma arma. Enfim, fato é que Nikolai Lenov, o número dois no comando da KGB durante o período em que Putin serviu à KGB, afirmou em entrevista recente que este sempre fora um agente “mediocre”, oferecendo inclusive, argumentos até convincentes disso.

Mais uma vez, nos deparamos com a clássica questão envolvendo o conceito de espionagem; Como identificar a linha que divide o mito do “não mito” nesse fascinante mundo em que a ficção trazida por tantos filmes, séries e obras literárias mesclam-se tão bem com a realidade atual.

De autoria do cubano Leonardo Padura, “O Homem que Amava os Cachorros”, livro lançado em 2013 e que conta os meandros do assassinato do líder comunista Léon Trotsky, é uma obra que trabalha muito bem essa mescla. A diferença é que nesse caso, apenas uma parte da história é fictícia, enquanto que as demais, incluindo aí a incrível arquitetura do plano do serviço secreto soviético envolvendo o agente espanhol Ramón Mercader e sua infiltração no círculo íntimo de Trotsky, são verdadeiras. Em breve o livro deve ganhar uma versão cinematográfica, embora a

a história do assassinato já tenha sido filmada em “O Assassinato de Trotsky”, filme de 1972.

Outro grande feito da KGB foi o de infiltrar até seis espões dentro da usina de Los Alamos, onde se desenvolvia o Projeto Manhattan, responsável pelas primeiras bombas atômicas do mundo. O documentário intitulado “Klaus Fuchs, The Atomspion” de 2014, traz um pouco dessa história. Por sinal, a estratégia de infiltrar agentes que operavam de forma clandestina, sempre foi um dos maiores trunfos da inteligência russa.

Já na série de TV “The Americans”, sob o contexto da Guerra Fria, ilustra bem esse trabalho de espões infiltrados ao trazer a história de um casal de russos que vive com seus dois filhos como uma típica família americana, durante os anos 80. Agindo sob diversos disfarces, eles não só trabalham para conseguir informações relevantes ao governo da União Soviética, como também cooptam novos agentes fazendo uso inclusive, da sedução como recurso. Escrita por um ex-integrante da CIA, a série chega a ser tão brilhante que até mesmo o público americano, conhecido pelo fervoroso patriotismo, acaba torcendo pelos espões russos.



Curiosamente, quase 30 anos após o fim da Guerra Fria, a última eleição americana trouxe suspeitas de que a vitória de Donald Trump tenha contado com forte colaboração vinda da Rússia de Putin, para derrubar a candidata democrata Hillary Clinton. Entre os indícios, a ligação de vários assessores de Trump com Putin, e a acusação de que a Rússia roubou emails do Partido Democrata divulgados pelo Wikileaks às vésperas das eleições presidenciais cujos republicanos saíram vencedores.

Com comissões do Congresso americano e até mesmo o FBI investigando o caso, a certeza que se tem é que a espionagem, seja ela moderna ou “à moda antiga”, parece continuar marcando sua presença, tanto no imaginativo mundo da ficção, mas principalmente no que nos habituamos chamar de mundo real.

Sandro Vieira, Graduando em Geografia (FFLCH/USP), ex bolsista do Projeto CineGRI

DE HOMELAND A SNOWDEN, A VIGILÂNCIA PRIVADA JUSTIFICADA PELA 'GUERRA AO TERROR'



Nos últimos anos, a espionagem ganhou novas formas, inclusive quando retratada no cinema e na televisão. Se até a última década do século passado, no cinema Hollywoodiano e no imaginário dos norte-americanos, o vilão era o comunista e/ou o soviético, agora outro inimigo vem tomando esse espaço, o terrorista. Esse inimigo - não-uniformizado - misturado em meio a população civil, é representado como uma ameaça a própria sobrevivência do mundo "ocidental e democrático".

Com o discurso em defesa das "ideias civilizatórias" e a promulgação do Patriot Act, as violações aos direitos humanos passaram a ser legitimadas. O ato permite que o governo estadunidense intercepte e-mails e telefonemas de organizações e pessoas, estrangeiras ou não, que supostamente teriam vínculos com terroristas. Algumas dessas questões são apresentadas em Snowden (2016) onde o psegundos a webcam de sua filha, vendo ela no seu íntimo, se despindo.

O filme, de certa forma, é uma contra narrativa à imagem muito vinculada pela grande imprensa sobre o ex-agente de inteligência, a de que ele seria um traidor, que foi contra os interesses de seu país. O long -metragem vai na contramão, constrói a imagem de Snowden como um herói, que sacrificou seus relacionamentos pessoais, seu emprego estável e sua segurança para denunciar ao mundo a extensão e a capacidade das operações de espionagem e de vigilância sobre cidadãos comuns. É preciso estar ciente dessa disputa que vai além da imagem de Snowden e que perpassa questionamentos e críticas sobre a "Guerra ao Terror". Está em jogo o próprio discurso de defender os ideais democráticos e a civilização ocidental contra um inimigo difuso, o que pode, no final das contas, justificar ações contrárias (e contraditórias) aos direitos humanos, em nome da "segurança nacional".

Na televisão temos outros tantos exemplos de seriados que abordam a temática da vigilância. Nos últimos anos, um seriado que vem ganhando certa notabilidade é Homeland. Nas primeiras temporadas deste seriado temos dois personagens principais, Carrie Mathison, interpretada por Claire Danes, uma agente da CIA, e Nicolas Brody, interpretado por Damian Lewis, um fuzileiro norte-americano. Brody, que havia desaparecido logo nas primeiras operações no Iraque em 2003, é encontrado e resgatado de um cativo por um grupo de operações especiais. seu retorno aos Estados Unidos, é utilizado publicamente pelo governo, mas é visto com desconfiança pela agente Carrie, que por sua vez ficara sabendo, por meio de um informante, que um soldado americano havia sido convertido e agora fazia parte de um grupo terrorista. Motivada por essa desconfiança

e apesar de não ter conseguido autorização, Carrie instala ilegalmente equipamentos de vigilância na casa de Brody, passando a assistir o dia a dia do sargento e sua família.

Seria possível pensar que a raiz dessa vigilância abordada, nas tramas do filme e do seriado, como reflexos do sentimento de insegurança norte-americana perante um inimigo imprevisível e que não age dentro das regras de combate. Este sentimento também pode ser visto nos discursos da elite política norte-americana sobre a Guerra ao Terror, e que sempre encontra força na grande mídia, tratando tal "guerra" como sem fim, porque é uma guerra constante entre o bem e o mal, entre as forças da democracia e da tirania. Um inimigo não-uniformizado e transnacional justificaria o uso de medidas de vigilância, pois ameaçaria o próprio Estados Unidos, que se vê como líder de um mundo mais "livre" e "justo".

Ao assistirmos seriados e filmes que tratam da "Guerra ao Terror", é primordial que estejamos atentos e cientes de que essas produções representam apenas determinados pontos de vista sobre as políticas que estão em debate no nosso cotidiano e por vezes endossam ou contestam ações que podem ser contraditórias aos mesmos princípios que governos como o norte-americano frequentemente defendem em seus discursos; é preciso estarmos atentos principalmente quando o limite disso atinge os próprios direitos humanos, legitimando ações bélicas e permitindo a invasão velada do maior patrimônio que cada indivíduo tem, a privacidade.

Rodolpho Hockmuller. Graduando em História, ex redator e colaborador do Projeto CineGRI.

MUITO ALÉM DO 007: ESPIONAGENS NÃO-ESTATAIS

Quando se fala em espionagem a primeira imagem que nos vem à cabeça é provavelmente inspirada pelas clássicas versões cinematográficas de espiões - como James Bond, da franquia 007, Ethan Hunt, de Missão Impossível ou Jack Ryan, protagonista de A Caçada ao Outubro Vermelho (1990), Jogos Patrióticos (1992) e outros filmes. Ainda que a espionagem normalmente seja relacionada a espiões que trabalham para agências governamentais - como no caso dos exemplos cinematográficos citados acima -, ela não necessariamente parte de órgãos estatais. É possível encontrar diversos exemplos - muitos deles nada usuais - de casos de espionagens que partiram de agentes não-estatais em diferentes períodos históricos.

O papel das empresas privadas no período colonial, por exemplo, é retratado - em um caso fictício - no filme *Queimada!* (1969), dirigido por Gillo Pontecorvo. No filme, o personagem Sir William Walker (Marlon Brando) é enviado pelo governo britânico para a colônia portuguesa da ilha de Queimada (também ficcional), no Caribe para instigar uma rebelião de escravos. Seu objetivo é o fim do controle português sobre a colônia e a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, duas medidas que visavam beneficiar a Companhia Real de Açúcar nas Antilhas, da Grã-Bretanha. Walker é bem sucedido em sua missão, mas é chamado de volta à ilha dez anos depois para conter uma nova rebelião que ameaçava os interesses britânicos. Dessa vez, no entanto, o agente retorna à ilha servindo diretamente à Companhia Real de Açúcar.

As guerras de guerrilhas também são casos que comumente envolvem espionagem. Como parte de sua estratégia, as guerrilhas buscam sabotar a logística do seu inimigo e realizar ataques furtivos para enfraquecê-lo, inclusive através da

obtenção de informações privilegiadas. Exemplos desse tipo de espionagem são retratados em filmes como *Pasaje de la Vida* (2015), sobre a atuação do grupo argentino Montoneros, *Batismo de Sangue* (2007), com a luta da ALN (Ação Libertadora Nacional) contra a ditadura militar brasileira e *Estado de Sítio* (1972), com o Movimento de Liberación Nacional Tupamaros no Uruguai.

O filme *Che 2: A Guerrilha* (2008), mostra a história verdadeira da participação do argentino Ernesto "Che" Guevara - interpretado por Benicio del Toro - na formação de uma guerrilha na Bolívia para replicar o êxito do movimento revolucionário em Cuba. As cenas iniciais do filme mostram Che se infiltrando no país por avião, usando uma peruca, dentes postiços e um passaporte falso. Em 1966, o argentino já era conhecido mundialmente e sua presença era temida pelos governos da América Latina e Estados Unidos, que buscavam evitar que os cubanos espalhassem movimentos guerrilheiros pelo continente. A preocupação era especialmente acentuada pelo momento conturbado da guerra fria para a região após a Crise dos Mísseis de Cuba, em 1961.

Recentemente, o fenômeno dos whistleblowers [1] têm sido uma preocupação cada vez maior para os governos, especialmente para o dos Estados Unidos, que têm enfrentado o vazamento de informações por parte de delatores como Edward Snowden e Chelsea Manning. Esses denunciadores são, geralmente, funcionários de órgãos e agências governamentais ou das forças armadas que divulgam dados confidenciais oficiais, expondo práticas moralmente questionáveis de governos.

O site WikiLeaks - fundado em 2006 pelo australiano Julian Assange, hoje asilado na embaixada equatoriana em Londres - tem sido usado extensivamente para disponibilizar os dados obtidos por whistleblowers. Vários filmes têm sido recentemente tratado sobre o tema, incluindo O Quinto Poder (2013), dirigido por Bill Condon, sobre o Assange e o WikiLeaks e Snowden (2016), de Oliver Stone, sobre o ex-agente da NSA (National Security Agency) Edward Snowden.



É possível notar - desde a colonização das Américas até os whistleblowers do século XXI - que a espionagem não é uma exclusividade de agentes secretos e agências de inteligência. Os exemplos de espões não-estatais estão presentes em vários contextos e períodos históricos diferentes. Muitos desses exemplos foram retratados pelo cinema (alguns citados neste texto), mostrando que James Bond e os outros agentes secretos clássicos divergem muito dos diversos indivíduos e grupos que lançam mão da espionagem fora das telas.

[1] "Whistleblower, em tradução literal, é o assoprador de apito. Na comunidade jurídica internacional, o termo refere-se a toda pessoa que espontaneamente leva ao conhecimento de uma autoridade informações relevantes sobre um ilícito civil ou criminal. As irregularidades relatadas podem ser atos de corrupção, fraudes públicas, grosseiro desperdício de recursos público, atos que coloquem em risco a saúde pública, os direitos dos consumidores etc.", extraído

de: <http://enccla.camara.leg.br/noticias/o-que-e-o-whistleblower>.

Guilherme Borges Almeida. Graduado em Relações Internacionais pela ESPM-Sul e pós-graduando no curso de Estratégia e Relações Internacionais Contemporâneas da UFRGS.

A JORNADA DO INFILTRADO

Desde os tempos da Guerra Fria, persiste certo glamour e mesmo idealização do agente secreto, sobretudo quando atuante nas linhas inimigas, perante a ideia que se criou no nosso imaginário de uma "profissão" espionagem. Bonds, Hunts e Smileys, assim como seus respectivos vilões, vestiam ternos e batalhavam em mesas de cassinos. Mas algumas outras batalhas silenciosas também aconteciam com o protagonismo de agentes ainda mais secretos que realmente sujavam suas próprias mãos. Apesar do conflito entre os pólos EUA e URSS ter inspirado inúmeros exemplos de espões infiltrados no cinema, uma espionagem que muito interessa é aquela realizada a partir da infiltração de agentes do Estado (ou de corporações) em movimentos não-estatais, como o narcotráfico, grupos anarquistas ou terroristas.

A infiltração é um dos meios mais efetivos de se consolidar informação e dados sobre o inimigo ou até mesmo desmobilizá-lo, encontrando e incentivando potenciais dissidentes, roubando tecnologia ou por meio da sabotagem. A esse exemplo, relatos recentes tratam da infiltração de policiais (os chamados P-2) em manifestações aqui no Brasil, com o intuito de filmar, coletar provas, efetuar prisões e até mesmo incitar a violência [1]. Quaisquer que sejam os objetivos, o método de infiltração sempre começa com um passo decisivo: o reconhecimento do inimigo e de sua força. No caso brasileiro mencionado, a Polícia Militar entendeu que o referido grupo de manifestantes consistia em uma ameaça real e, portanto, digna de infiltração.

No cinema, este processo fica mais claro, principalmente pelo que chamaremos aqui de jornada do infiltrado, onde tudo começa com uma ofensa ou um ato ameaçador. Em *The East* (2013), de Zal Batmanglij, os primeiros minutos do filme já dão conta de um ataque de grandes proporções do grupo anarquista Oriente a um empresário na tentativa de expor sua corru-

pção, o que leva a uma empresa de inteligência privada a enviar uma agente infiltrada no grupo.



Conexão Escobar (2016), de Brad Furman, é outro ótimo filme para entendermos este processo - principalmente porque ele é baseado em uma história real. O personagem principal - Robert Mazur - teve todas as chances para se aposentar e levar uma vida tranquila, mas a ameaça da entrada de drogas do cartel colombiano nos EUA e a simples noção de que seus filhos poderiam ser afetados levou o agente da Alfândega vivido por Bryan Cranston a aceitar se passar por um empresário lavador de dinheiro e trabalhar diretamente com os narcotraficantes. Em segui-

da, ele, já com a identidade de Bob Musella, começa subir aos poucos os degraus da hierarquia do tráfico, ganhando a confiança de cada um deles e passando por novos rostos, com o objetivo final de se aproximar de Pablo Escobar. A personificação do inimigo é algo que os filmes fazem questão de construir, primeiro para que os sacrifícios do infiltrado encontrem do outro lado um vilão a altura - aqui, Escobar, em sua única aparição, é pintado como um semi-deus, desfocado, contra a luz; segundo porque ela implica em um passo importante da jornada do infiltrado, que é a aproximação sentimental do grupo.

Robert Mazur, assim como a maioria dos agentes infiltrados do cinema, vai aos poucos assumindo sua personalidade como Bob Musella, o que lhe custa a vida em família que tinha antes, o mundo comum do qual partiu e que queria proteger. Com isso, vai percebendo um pouco da humanidade naquelas pessoas que jurou combater, se afeiçoando e reconhecendo-se nelas.



Ao mesmo tempo, começam a aumentar os riscos à segurança do infiltrado. Porém, como seus objetivos são nobres e ele representa não só a si mesmo, como a toda uma corporação, às vezes até uma nação, as chances de sucesso também aumentam, o que traz um conflito para a sua jornada. A instituição que o enviou está satisfeita com os resultados, mas o infiltrado sabe que pode ir mais longe. O Bob Musella, de Conexão Escobar, pretende ir atrás do chefe que dá nome ao longa, mas acaba parando alguns degraus abaixo. Este conflito de interesses entre o infiltrado e a corporação é algo que se repete em vários filmes do tipo, como o já mencionado *The East*, mas também em *Caçadores de Emoção* (1991), ainda que em dimensões e proporções diferentes.

No fim, como é de se esperar nos filmes hollywoodianos, é a moral e o senso de justiça do infiltrado que irá definir o futuro do grupo no qual ele se infiltra. Normalmente, estes valores prevalecem sobre a afeição criada pelos inimigos e os "mocinhos" conseguem o que queriam no início, prender alguns chefões do tráfico, desmobilizar uma célula terrorista ou vingar a morte de um parceiro de trabalho; apesar disso, quanto mais fogem às fórmulas maniqueístas, mais interessantes podem ser os passos de um infiltrado.

[1] "Governo Alckmin infiltrou PM em Tinder para prender manifestantes, dizem vítimas" - Ponte Jornalismo - 08/09/2016

Gabriel Pace. Formado em Relações Internacionais (PUC-SP), pós-graduado em Mídia, Política e Sociedade (FESP-SP) e ex redator do Projeto CineGRI

O FANTASMA DE ROGER CASEMENT



Britânico, diplomata, revelador das atrocidades cometidas pelo rei Leopoldo II da Bélgica no Congo, das explorações desumanas na região do Putumayo (Amazônia peruana), condecorado “Sir” pelos serviços prestados ao Império Britânico. Nacionalista irlandês, homossexual, poeta, organizador da rebelião pela independência da Irlanda contra o Império Britânico (Easter Rising - 1916), condenado à morte por suas atividades políticas.

É com esta incomum acumulação de características que Roger Casement (1864-1916) figura como um dos diplomatas mais controversos a serviço do Império Britânico. Em suas missões diplomáticas, Casement foi o responsável por um detalhado e vívido dossier sobre os abusos cometidos pelas autoridades belgas no Congo, o que lhe valeu o apelido de “pai das investigações sobre direitos humanos do século XX” e o título de cavaleiro outorgado pela Coroa Britânica em 1905. Entre 1910 e 1911 Casement participou da comissão investigativa dos relatos de abusos pela Peruvian Amazon Company (PAC) contra habitantes da região do rio Putumayo (nas profundezas da Amazônia peruana) e trabalhadores da indústria borracheira. Seu rela-

tório também surtiu grande efeito na comunidade internacional, causando a saída da companhia da região. Seu profundo interesse e orgulho da cultura e história irlandesa lhe fariam ingressar na Liga Gaélica, que nessas primeiras décadas do século XX teve um importante papel no movimento separatista do país do então Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda. Em plena Primeira Guerra Mundial, Casement e outros nacionalistas irlandeses participaram da fracassada rebelião contra o domínio britânico, nos acontecimentos hoje conhecidos como “Easter Rising” em alusão à Páscoa de 1916. Casement, que havia sido um nome de orgulho do governo britânico, foi preso, julgado e condenado à morte por traição. Ao longo do processo, Londres circulou partes de seus “Black Diaries” em que relatava sua homossexualidade.

Mártir ou traidor, Roger Casement tem seu lugar reservado nas mais diversas representações culturais, desde romances, novelas e poemas de escritores do porte de William Butler Yeats, Arthur Connan Doyle e Mario Vargas Llosa. No cinema, ressaltamos o documentário “The Ghost of Roger Casement” do diretor norte-americano Alan Gilseman. Lançado em 26 de junho de 2002, o documentário de 1h52min explora a trajetória do diplomata que perdeu sua vida por lutar pelas causas que acreditava justas. Trata-se de uma necessária reavaliação de uma figura retratada como espião e traidor por poderosos agentes oficiais.

Ayrton Ribeiro de Souza. Bacharel e Mestre em Relações Internacionais pela UNESP-Marília, Doutorando em Integração da América Latina pelo PROLAM (USP), ex colaborador do Projeto CineGRI.

ESPIONAGEM #TOP10

Ao longo do mês vimos como o mundo secreto – ou não tão secreto assim – da espionagem influenciou guerras e influencia a vida cotidiana de todos nós, usuários de internet ou não. Agora vamos ao nosso Top 10 da Espionagem, tentando fugir um pouco das explosões e dos grandes filmes de ação, além de um grande esforço em não fazer um Top 10 só de filmes da franquia 007.

1- Borboleta púrpura (Zi hudie, 2003, Lou Ye)



Este filme conquista seu lugar no #Top10 porque nele não existe romantização da espionagem. As cenas românticas são construídas de maneira a servir ao enredo como oposição às mortes constantes de pessoas queridas. Tudo é mostrado de maneira crua, com a câmera em estilo documental, correndo junto com as personagens e revelando o desespero das perseguições. Nada é previsível no terror presente nas ruas de Xangai durante a ocupação japonesa. Nenhuma personagem parece sob controle da própria vida, numa sucessão de acasos com poucos diálogos, num jogo cinematográfico bastante diferente do estilo ocidental contemporâneo.

2- Os espíões (Les espions, 1957, Henri-Georges Clouzot)



Com uma certa graça causada pelas confusões entre as personagens, este filme conta a história de um espião dos Estados Unidos que oferece muito dinheiro para que um psiquiatra falido esconda uma pessoa em sua clínica. Logo que a proposta é aceita, vários espíões passam a frequentar o lugar por suspeitarem de que esse seja o esconderijo de um cientista alemão capaz de potencializar o alcance e diminuir os custos da bomba atômica. Apesar de os espíões serem russos, alemães, franceses e americanos, as nacionalidades pessoais pouco importam: a fidelidade é sempre mutável num mundo em que se fornece o mínimo de informação em troca do máximo de informação possível.

3 - Confissões de um espião nazista (Confessions of a nazi spy, 1939, Anatole Litvak)



Filme estadunidense lançado logo no primeiro ano da Segunda Guerra Mundial que critica fortemente a propaganda nazista na terra da "democracia americana". Nele, os espiões alemães nos Estados Unidos são bastante inocentes, que idealizam a causa perdida do III Reich, mas que quando percebem a realidade do regime nazista são mandados para campos de concentração. Eles são representados e vistos pelas personagens americanas como como soldados desumanizados, sem o direito ao livre

pensamento, como dito durante o julgamento: "Simplificando, a acusação é que este grupo de réus obteve, mediante conspiração, informações da nossa defesa nacional e as transmitiu para uso de um governo estrangeiro: o alemão. Quero deixar claro que essa conspiração foi engendrada e diretamente orientada pelo atual governo alemão. Foi sugerido que o papel desses quatro réus é insubstancial. É verdade. Mas aí reside o seu valor: sua não importância individual. Não são mais que simples peças de um complexo mecanismo. Uma rede de espionagem mundial cuja organização eficiente atravessa fronteiras e barreiras naturais. Uma rede nefasta cuja elaboração passa inevitavelmente pelo Serviço Secreto na Marinha em Bremen e Hamburgo."

Esses espiões são facilmente descobertos pela contraespionagem do FBI, que representam a civilização e o auge dos valores democráticos: "Mas a América não é só uma das democracias que permanecem. A América é a democracia de homens livres com a inspiração de Deus, determinados para defender para sempre a liberdade que herdamos da nossa "Declaração de Diretos" [o filme começa falando que os alemães na América devem destruir a Constituição dos EUA] da Constituição dos EUA."

5 - Mata Hari (1931, G. Fitzmaurice)



Mata Hari é a diva absoluta em mais de um filme, mas este foi o escolhido pela junção entre a personalidade histórica à outra grande diva Greta Garbo (que também atuou como espião em *A dama misteriosa* (*The mysterious lady*, 1928, Fred Niblo). A espiã javanesa trabalhava para a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial, usando o estereótipo da mulher oriental para seduzir militares russos, fazendo com que eles baixassem a guarda, e desta forma obter documentos secretos e informações privilegiadas.

5- *Citizenfour* (2014, Laura Poitras)



Da mesma diretora do documentário sobre o wikileaks Julian Assange: *Risk*. O título deste filme é o codinome usado por Edward Snowden durante sua comunicação com os jornalistas que o ajudaram a divulgar os abusos cometidos pela agência estadunidense NSA, que usa a justificativa de segurança e defesa nacional para espionar as informações pessoais e estatais que circulam pela rede mundial de computadores, como as trocas de e-mail de Dilma Rousseff e webcâmeras de cidadãos estadunidenses. Além do documentário sobre os segredos de *Citizenfour*, também fica a recomendação do filme *Snowden* (2016, Oliver Stone), que conta como um cidadão patriota, como tantos outros, tornou-se o refugiado whistle-blower mais famoso da atualidade.

6- *O espião que saiu do frio* (*The spy who came in from the cold*, 1965, Martin Ritt)



Um grande filme de espionagem com muito mais suspense do que ação. Cheio de reviravoltas causadas pela espionagem, contraespionagem e envolvimento amoroso com uma civil. O agente britânico infiltrado Alec Leamas finge ser um ex-agente bêbado e falido que está disposto a entregar segredos da antiga profissão em troca de dinheiro para os russos. O título sugere um trocadilho com a Guerra Fria e a noite fria da primeira e da última cena. Numa conversa entre o espião protagonista e sua amante, uma membra devota do partido comunista, surge o seguinte monólogo: “o que acha que são os espioes? Filósofos moralistas que medem o que fazem contra a palavra de Deus ou de Karl Marx? Não, não são isso. São apenas um punhado de sórdidos e miseráveis bastardos como eu. Homenzinhos, bêbados, maricas, maridos molengas, funcionários jogando vaqueiros e índios para iluminar suas pequenas vidas. Acha que se sentem como monges pensando no bem e no mal?”

7- O jogo da imitação (The imitation game, 2015, Morten Tyldum)



Em 1939 o MI6, a mesma agência de inteligência britânica que coordena as ações de James Bond até hoje, convoca um grupo de estudiosos capazes de quebrar o código alemão durante a Guerra, conhecido como Enigma. O filme também trata de forma bastante humana sobre a Teoria dos Jogos, quando foi preciso perder vidas de soldados para que o inimigo não descobrisse que o código foi quebrado. O Museu Imperial da Guerra de Londres conta com uma sessão especial sobre a espionagem no cinema, mas nenhuma menção é feita ao filme em questão, provavelmente por tratar do controverso caso de Alan Turing: um herói que ajudou na conquista da vitória e a salvar inúmeros súditos da Coroa britânica, mas que poucos anos depois foi condenado por ser homossexual, crime no Reino Unido de 1533 até 1967.

8- Ronin (1998, John Frankenheimer)



O título do filme é uma referência aos samurais que deixaram de ter um senhor, da mesma forma que seria possível acreditar que os espíões deixariam de servir aos Estados nacionais após o fim da Guerra Fria, como se percebe na fala “ele era membro da KGB, foi pra um esconderijo? Já se acharam todos”. Esta crença nos espíões como ronins é desfeita ao longo do filme, que mostra uma Europa Central “espremida” entre o IRA à oeste e os mafiosos russos/ex-KGB à leste. Triller de espionagem que se passa na França, cujo protagonista é um espião estadunidense. Lançado quase uma década após a queda do muro de Berlim e também no ano exato da assinatura do principal acordo de paz da Irlanda do Norte atual.

9- O aviador (2005, Martin Scorsese)



Saindo um pouco da espionagem de Estado, este filme mostra a vida de Howard Hughes, milionário graças ao petróleo do Texas, que investe seu dinheiro em Hollywood e na aviação (tanto na sua companhia aérea comercial quanto em aviões voltados para a guerra). Sua fixação por produzir um filme de guerra megalomaníaco para os padrões da época, assim como sua visão em expandir as linhas aéreas e em criar um avião cuja função fosse ser um porta-aviões, foi visto como um delírio por muitos, ao mesmo tempo em que se tornou alvo da companhia aérea rival que até então detinha o monopólio das viagens internacionais, a Pam Am. Esta, aliou espionagem industrial da TWA à procura de informações comprometedoras da vida de Howard Hughes.

10- O fim do agente W4C (Konec agenta W4C, 1967, Václav Vorlíček)



A Paródia soviética dos filmes ao estilo de James Bond, em que o grande agente secreto Cyril Juan Borguette, conhecido entre os espíões como W4C, se infiltra numa rede internacional de espionagem, armado somente com seu relógio, para obter um saleiro que contém informações sobre a exploração de Vênus. Então a contraespionagem de Praga envia um contador (por falta de espíões melhor qualificados), chamado agente 13B, e seu cachorro farejador para deter os espíões do mundo todo que estão em busca do tal saleiro.

Ali Serra. Graduanda em Letras (FFLCH/USP), ex colaboradora do Projeto CineGRI.



NARCOTRÁFICO



NARCO-CINEMA: CENÁRIOS IMAGINADOS DE UMA REALIDADE BRUTAL

O mês de Abril se propõe a discutir as facetas não só do narcotráfico, mas de algo mais amplo e complexo, a narcocultura. Ir além do mundo do cultivo, redes de distribuição e consumo de drogas, associação com estruturas de poder para abordar as representações do narco. A guerra contra as drogas tornou-se uma temática bastante difundida no mundo pelos meios de comunicação, e o cinema não ficou de fora.

Desde antes dos anos de 1980, a questão das drogas tem tido grande relevância na produção cinematográfica, com *Contrabando y Traición* (de Arturo Martínez, 1977) e *La Banda del Carro Rojo* (de Rubén Galindo, 1978). Foi na mesma década em que houve o desenvolvimento de complexas rotas de distribuição e métodos de contrabando pelos traficantes latino-americanos que a série de televisão *Miami Vice* (exibida primeiramente pela NBC) trouxe, como reação, uma versão brilhante e glamourizada da guerra às drogas para o público global.



As representações da narcocultura têm colaborado para dominar ideias sobre a política externa e o capitalismo transnacional. Visto que é notória, de acordo com Julien Mercille, professor da University College Dublin, a proeminência do cinema de Hollywood em que circulam imagens e ideologias que reforçam a aceitação do papel militar dos EUA e, sendo a América Latina a protagonista, é inegável o consequente estigma regional/territorial que lhe é redundada.

No entanto, sendo a narcocultura a representação provocada e mediada por múltiplos atores e interesses, ela é uma realidade apenas parcial. Diante disso, por vezes, as representações hegemônicas não são aceitas devido a insustentabilidade da dicotomia do bem contra o mal, em face da realidade cotidiana, e da percepção de uma trama mais profunda do que a que é representada.

É na tentativa de penetrar esses cenários que o CineGRI vai, ao longo do mês, tratar, numa visão política e social, da construção dos estereótipos do narco e das possíveis mudanças de sua representação; refletir, numa abordagem mais antropológica, sobre os estilos de vida e padrões de consumo; e examinar a dinâmica da narcoeconomia, contrapondo fatos históricos e contemporâneos para além das Américas.

Nayara Moraes. Graduada IRI-USP, ex bolsista do Projeto CineGRI.

ESTERIÓTIPO DA AMÉRICA LATINA: DE PATO DONALD A NARCOS

A construção de estereótipos é fortemente influenciada pelas mídias. Com o alcance mundial do cinema, foi possível testemunhar o crescimento desse processo, tomando como ponto de referência Hollywood, que sempre esteve pronta para reduzir um sem-número de representações étnicas, geográficas, de povos e culturas de todo o mundo que não fossem estadunidenses e brancas, inclusive fazendo uso de práticas nomeadamente racistas, como o blackface [1].

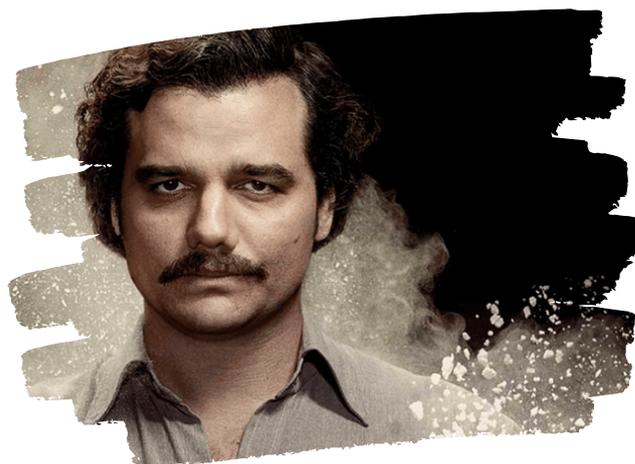
Em relação à América Latina, esse processo se inicia com a construção de Carmen Miranda [2] ("a pequena notável") em que uma mulher brasileira representa todas as mulheres latino-americanas como exóticas, selvagens, descontroladas e hipersexualizadas, colocadas como personagens secundárias e comediantes. Em oposição, havia a construção da "mocinha" branca, loura, estadunidense, comedida, puritana, controlada, como modelo a ser seguido.

No contexto da política de boa vizinhança, também os filmes de Walt Disney, com o personagem Zé Carioca, contribuíram para a construção de um estereótipo em relação à América Latina, como um personagem masculino malandro, sem compromisso, desempregado, que foge dos problemas com o consagrado "jeitinho" brasileiro.

Com todo esse panorama, adicionou-se a esse caldo o problema do narcotráfico. Ainda que fossem personagens fortemente ligados ao Brasil, aos olhos dos EUA - logo, do mundo, já que controlavam o cinema - não haviam diferenças regionais significativas, a América Latina era um bloco homogêneo cheio de florestas tropicais, mulheres sensuais e homens que não gostavam de trabalhar. No filme **Down Argentine Way** (Irving Cummings, 1940), é bem clara a relação que se faz entre a América (EUA) como a

terra do trabalho e a Argentina (representando toda a América Latina) como terra da fuga e de realização de fantasias.

Somou-se a isso, então, a violência. Hollywood tem perdido cada vez mais espaço, sofrendo uma crise de criatividade e representação. Como exemplo, a cerimônia do Oscar, a maior do cinema estadunidense, que não teve nenhum ator ou atriz negra indicado às categorias de atuação em 2016, gerando polêmica na internet, com a hashtag #oscarsowhite (Oscar muito branco) e boicote de artistas negros ao evento. Com os serviços pagos de streaming, como o Netflix, tem havido um movimento de produções artísticas mais representativas. Porém, não isento de problemáticas. Com a série *Narcos*, que conta a história de Pablo Escobar, famoso e poderoso traficante colombiano nos anos 80, o ator principal (Wagner Moura) e o diretor (José Padilha) são brasileiros. É uma co-produção Brasil/Colômbia/EUA, em que a escalação de um ator brasileiro para um papel de um símbolo da Colômbia (para o bem e para o mal) contribui para a ideia de homogeneização da América Latina. Além disso, toca em tema recorrente que é da América Latina como terra da violência, sem regras e sem leis (como visto também na



franquia de ação em **Velozes e Furiosos 5 - Operação Rio** [Justin Lin, 2011]). Outros aspectos da região não são levantados e o narcotráfico é explorado de forma a "glamourizar" a vida de luxos e violência de Escobar.

Esse cenário corrobora também a ideia do tráfico de drogas como um problema distante e restrito a América Latina, ou pior, de responsabilidade dessa região. Contribui para o distanciamento do debate sobre saúde pública, segurança pública, violência, desigualdade social e todas as questões que levam ao tráfico e ao uso de drogas. O cinema como mídia poderosa e rica que é, poderia contribuir para mostrar a diversidade das pessoas e narrativas, fomentar o debate e a busca de soluções. Porém, desde os anos 30, vemos que o exotismo tem sido a linha narrativa da história da latinoamérica para os chefões de Hollywood.

Notas

[1] Blackface é uma prática circense que data do século XIX que consistia na pintura facial e/ou corporal de uma pessoa branca para a representação de personagens negros, muito utilizada também no teatro. É uma prática racista pois exclui as pessoas negras da atividade (se é necessário "se pintar" de negro, não há contratação e participação de atores/artistas negros) além de reduzir séculos de cultura e exploração a uma pintura corporal como se pessoas brancas pudessem representar essa cultura. É a forma mais cabal de apropriação cultural.

[2] Embora tenha nascido em Portugal, a artista viveu a maior parte da vida no Brasil, antes de se mudar para os EUA.

Luísa Guimarães Tarzia . Graduada em Relações Internacionais (IRI-USP), ex colaboradora do Projeto CineGRI.

OS NARCOTRAFICANTES HOJE E ONTEM



Miami Vice. Anos 80. EUA. A série americana, exibida pela rede NBC, mostra dois policiais no submundo das drogas na Flórida. Desde então, o narcotráfico e a guerra às drogas têm sido tema recorrente na TV e no Cinema.

A primeira imagem e o estereótipo desse narco é, em grande parte, o mexicano. Isso se dá especialmente pela proximidade da questão com os EUA e como a produção no país reflete muitos de seus interesses, ao pintar o mexicano “comum” como imigrante clandestino, miserável, criminoso e vagabundo, que só traz doenças e problemas (um pouco do imaginário que alimenta Trump e seus seguidores). Daí, a representação do narco como **“personagens ideais, violentos, que usam armas, tem caminhonetes e mulheres”** segundo o diretor mexicano Miguel Marte.

O narco é sempre apresentado como o vilão, enquanto o “mocinho”, protagonista, deve combatê-lo, em uma narrativa extremamente maniqueísta, como nos filmes da franquia James Bond (1962-2015). Analisando seus vilões, temos três latinos e dois que tocam o tema do narcotráfico. Não importa quais seus planos mirabolantes, o elegante agente do MI6 não vai parar até detê-los.

Em 007 Viva e deixe morrer (19730), Dr. Kananga, ou Mr. Big (Yaphet Kotto), pretende dominar o mercado de heroína nos Estados Unidos, distribuindo a droga de graça e levando os traficantes locais à falência. É um ditador de uma ilha caribenha fictícia (San Monique) e um dos poucos personagens negros da franquia. Já em 007 - Permissão para matar (1989), Franz Sanchez (Robert Davi) é um barão das drogas poderoso e impiedoso, e pretende controlar um cartel de drogas dissolvendo cocaína no petróleo. Sua nacionalidade não é explicitada, mas segundo a Wikipédia dedicada ao tema (Bond Wiki) é de origem “sul-americana” porém, atua no México.

Vemos continuidade no altamente aclamado 007 contra Skyfall (2012), em que o vilão Raoul Silva, antigo agente do MI6, busca vingança contra a própria organização. Ainda que cyberterrorista e não narcotraficante, mostra as representações dos latinos (ele é tomado como espanhol) e sua permanência nas séries, sempre como vilões.

Os narcos causam ainda muito fascínio justamente pela contínua glamourização de suas vidas (como na série televisiva Breaking Bad [1]) e a hiperbolização da violência - muito ligadas ao universo dos videogames, como no famoso jogo Grand Theft Auto (GTA).

Há mais permanências do que mudanças em relação à representação do narcotraficante presente no imaginário dos roteiristas e produtores. Há poucos filmes que não falam dos grandes lordes da droga e falam daqueles que sofrem com a guerra às drogas, em especial as “mulas”, que carregam pequenas quantidades de droga e geralmente se encontram em situação de vulnerabilidade social, e são em sua maioria mulheres. Segundo dados da ONG ITTC [2], 58% das mulheres encarceradas no Brasil estão presas por delitos relacionados ao comércio de drogas. Essas histórias não são contadas.

A quem interessa perpetuar a narrativa dos poderosos do tráfico de drogas?

[1] Série televisiva exibida na TV estadunidense entre 2008–2013. Disponível para assinantes do serviço de streaming Netflix.

[2] Instituto Trabalho, Terra e Cidadania, “Situação das mulheres pode ser mais grave do que apontam os dados oficiais”, de 14/12/2015.

Luísa Guimarães Tarzia . Graduada em Relações Internacionais (IRI-USP), ex colaboradora do Projeto CineGRI.

DESNATURALIZANDO A RELAÇÃO ENTRE CAPITALISMO E CRIMINALIZAÇÃO DAS DROGRAS: O IMPÉRIO BRITÂNICO E AS GUERRAS DO ÓPIO

Um dos maiores pecados ao se estudar História é crer que ela está sempre avançando ou progredindo. Frequentemente, quando nos deparamos com um fato contemporâneo que julgamos autoritário, preconceituoso ou irracional, dizemos que ele é ultrapassado ou medieval, sem nos preocuparmos em entender o quanto e de que maneira ele é fruto de nosso tempo. Preferimos transferir a responsabilidade por ele para o passado e acreditar que se trata apenas de um resíduo de uma época não tão esclarecida ou desenvolvida como supostamente a atual.

Além de todos os seus juízos de valor hierarquizantes, o principal problema dessa concepção – que os historiadores chamam de “teleológica”, isto é, que ruma ininterruptamente a um objetivo final – é apostar cegamente numa História com um sentido único, que ignora as idas e vindas dos diversos processos políticos, sociais e culturais e as disputas presentes neles. No limite, segundo essa ideia, nem precisaríamos estudar as particularidades e os diferentes períodos de um fenômeno histórico, já que seriam desprezíveis diante da melhoria geral e inevitável da Humanidade. Contudo, a relação das potências ocidentais com o comércio de drogas ao longo dos últimos dos duzentos anos mostra justamente o contrário. Procuraremos tratar disso pelo caso das Guerras do Ópio (1839-1842; 1856-1860), travadas entre o Império Britânico e o Império Chinês.

Nos dias de hoje, sabemos pelo noticiário e pelo cinema, como a repressão ao tráfico de narcóticos é disseminada internacionalmente, com pesados investimentos governamentais, especialmente dos Estados Unidos. No entanto, houve um momento em que a nação mais pode-

rosa do Ocidente, como hoje são os EUA, estava do outro lado do jogo: a Grã-Bretanha, dona de um império tão vasto no século XIX, com possessões em tantas partes do mundo – desde Singapura até o Caribe – que se dizia que “o Sol nunca se punha nele”, ou seja, em qualquer horário seria dia em uma de suas colônias.

Esse Império se estruturava a partir de uma grande rede marítima comercial-monopolial. Um dos produtos mais rentáveis que os britânicos detinham era o ópio, entorpecente extraído da flor de papoula, que era obtido na colônia da Índia. Introduzido por negociantes ingleses na China, o ópio se proliferou entre os locais, tornando-se o principal produto dos britânicos no intercâmbio comercial com o império asiático, do qual compravam em troca seda, porcelana e chá. Para se ter uma ideia, metade das importações que a China fazia da Grã-Bretanha era de ópio, chegando a adquirir 450 toneladas do psicoativo, em 1839, o que correspondia a aproximadamente um grama de ópio para cada um dos 450 milhões de habitantes da China.

Visando minimizar os custos financeiros e de saúde da população, que afetava até o Exército, o imperador chinês Daoguang proibiu em 1839 a importação de ópio, decisão que revoltou os interesses econômicos ingleses, motivando a primeira Guerra do Ópio. Com imensos investimentos militares na Marinha, os britânicos derrotaram categoricamente as forças chinesas. Com isso, conseguiram impor no Tratado de Nanquim (1842), firmado após a Guerra, uma série de medidas que favoreciam a comercialização do ópio e a presença imperial no Extremo Oriente, tanto com navios britânicos em vários portos chineses como com a posse e colonização de Hong Kong, que só retornaria à

soberania chinesa em 1998 [1]. Como se vê, tráfico de drogas - então legalizado -, imperialismo e livre-comércio [2] andavam de mãos dadas e sem o menor escrúpulo, abastecendo os bolsos da monarquia em Londres. Na década seguinte, em 1856, se deu mais um conflito armado em função de uma nova tentativa chinesa de dificultar a entrada do ópio no país, dando origem à chamada Segunda Guerra do Ópio. Novamente, a reação inglesa não deixou por menos e mais uma vez solapou a China, só que desta vez também com ajuda francesa.

De tudo isso, podemos extrair a seguinte constatação: se a criminalização das drogas tem marcado o século XX e o XXI, não podemos projetar sua origem para o XIX hegemonizado pelo Império Britânico. Não podemos, portanto, achar que ela existe desde que o mundo é mundo e a relação do Capitalismo com o uso das substâncias psicotrópicas é naturalmente, a-historicamente repressiva. Investigando o período histórico entre a época do comércio legal do ópio e o advento da proibição internacional do tráfico de drogas, podemos apontar outras razões para essa mudança, trazidas pela ascensão geopolítica dos Estados Unidos no início do século XX e vista na Convenção de Haia sobre o Ópio em 1912.

Em primeiro lugar, o desejo estadunidense de aumentar sua influência na Ásia e diminuir a dos britânicos, que ainda controlavam o comércio da região com seu arsenal de narcóticos. E em segundo, a rejeição dos padrões morais protestantes e anglo-saxônicos estadunidenses ao consumo de drogas, que eram estigmatizadas aos imigrantes que vinham em massa aos EUA na época: associava-se a maconha aos mexicanos, o ópio aos chineses e o álcool aos irlandeses [3]. Não à toa, os EUA teriam a "Lei Seca" (1920-1933), que criminalizava a produção e o consumo de álcool, e a "Guerra às drogas" inaugurada pelo presidente Richard Nixon (1969-1974) como marcos do proibicionismo, que se estende até hoje para a maioria dos psicotrópicos.



* Para quem se interessar, há "A Guerra do Ópio", filme chinês de Xie Jin de 1997 sobre o confronto. Vale destacar que ele saiu bem no ano em que a soberania de Hong Kong voltou à China, sendo uma obra que explora a resistência dos chineses e sua vitimização no confronto bélico como elementos de afirmação da identidade nacional.

[1] Uma das consequências dessa conquista inglesa foi a criação do banco HSBC, o que evidencia a importância que o comércio de ópio tinha para a economia da época.

[2] Atualmente, grupos que defendem um liberalismo econômico mais radical têm defendido a legalização das drogas, argumentando que a criminalização do uso delas vai contra a livre iniciativa econômica e as liberdades individuais. Além disso, também identificam um grande potencial de lucro na exploração da produção legalizada de narcóticos pela iniciativa privada.

[3] RODRIGUES, Thiago. Política e drogas nas Américas. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2004.

José Bento de Oliveira Camassa. Graduando em História (FFLCH-USP), ex colaborador do Projeto CineGRI.

A “NARCO-ECONOMIA” DO MUNDO MODERNO E OS CUSTOS MORAIS DO CAPITALISMO

Já na década de 1990, o mercado do tráfico internacional de drogas gerava uma renda anual de mais de US\$ 500 bilhões, constituindo o segundo maior negócio da economia capitalista mundial, perdendo apenas para a indústria militar, com US\$ 700 bilhões. O artigo “Economia Política do Comércio Internacional de Drogas” (págs. 115-125) de Osvaldo Coggiola, professor livre-docente da Universidade de São Paulo, é essencial para a compreensão do tema. Para o professor, é necessário entender o mercado do tráfico de drogas como um fenômeno estritamente vinculado ao sistema econômico de base capitalista: “O tráfico de drogas foi sempre um negócio capitalista, por ser organizado como uma empresa alentada, como qualquer outra, pelo estímulo do lucro. [...] A narco-economia, longe de ser um submundo alheio à norma capitalista, está rigorosamente organizada de acordo com os parâmetros da economia de mercado”.

O tamanho e toda a importância que tem a “narco-economia” no sistema econômico capitalista tem reflexos até mesmo na cultura de nações impactadas por essa atividade. No México existe até mesmo o gênero cinematográfico conhecido como “narcocinema”, no qual essa realidade é retratada por meio de filmes de categoria B repletos de violência, drogas e caminhonetes. A análise aprofundada do tema é mostrada em um vídeo da revista VICE.

Além do contexto social e cultural, a influência dos modos de produção e dos mercados também pesam sobre a consciência individual, e nos fazem refletir sobre o mundo que vivemos. Armin Falk e Nora Szech, dois economistas comportamentais de universidades da Alemanha, publicaram em 2013 um estudo que demonstra, empiricamente, que o ambiente de mercado faz

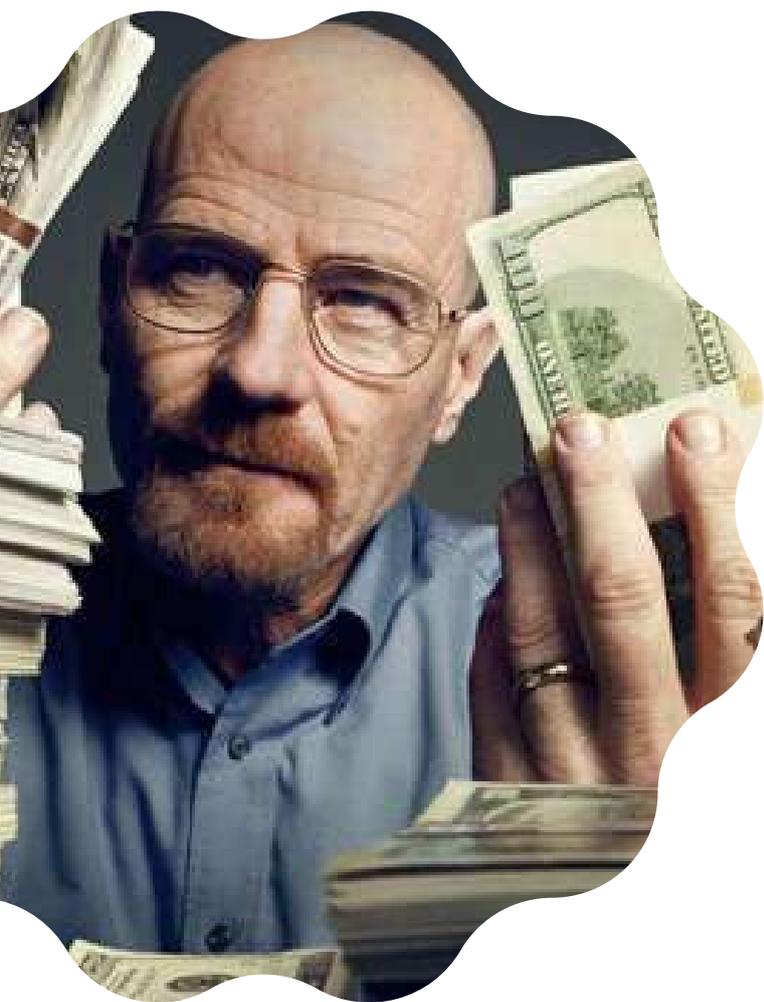
as pessoas baixarem seus próprios valores morais. Em uma série de experimentos, era oferecido para um grupo de voluntários a escolha entre salvar a vida de um rato de laboratório, ou receber 10 euros e permitir o sacrifício do animal. Perguntadas em um ambiente privado, 54% das pessoas preferiram não aceitar o dinheiro e poupar a vida do rato. Contudo, quando a vida do roedor foi negociada em um ambiente de mercado com o intermédio de funcionários, apenas 25% das pessoas optaram pela misericórdia dos bichos. E ainda, quando as pessoas estavam rodeadas por vários vendedores e compradores, elas aceitavam até menos do que 10 euros. Em conclusão, as pessoas valorizam menos a vida dos ratos quando os mercados tomam o lugar da consciência individual: a culpa é compartilhada quando o comércio toma o lugar das decisões explicitamente individuais. Assim, cabe a afirmação de que uma sociedade ditada pelos interesses do mercado deve considerar os custos morais ocultos.

Com essa perspectiva em mente, é interessante observar obras recentes do cinema e da televisão sob a ótica dos custos morais do capitalismo. A temática tem sido abordada recorrentemente por meio obras excepcionais.

O Pablo Escobar da série Narcos (José Padilha, 2015), retratado por Wagner Moura, define-se diversas vezes como um “homem de negócios”. O verdadeiro Pablo Escobar afirmava-se explicitamente da mesma forma, estabelecendo assim seu posicionamento político, distante dos movimentos revolucionários de guerrilha da Amé-

rica Latina: “Não aceito que me associem à guerrilha, pois isto prejudica minha dignidade. Sou um homem de negócios e esta é a razão pela qual não posso estar de acordo com as guerrilhas, que lutam contra a propriedade privada”.

Também vale destacar filmes que retratam o enorme peso de mercados, que mesmo não fazendo parte do narcotráfico, são eticamente questionáveis e danosos ao ser humano, servindo como mais exemplos dos custos morais do capitalismo. É o caso de filmes como O Senhor das Armas (Andrew Niccol, 2005) que mostra o tráfico de armas como financiador de inúmeras guerras da atualidade, e Obrigado por Fumar (Jason Reitman, 2005) que retrata o lobista americano Nick Naylor defender o uso do cigarro até mesmo em salas de aula com crianças de 12 anos de idade.



Contudo, é a série Breaking Bad (Vince Gilligan, 2008-2013) que retrata, como nenhuma outra, a transformação do indivíduo em um contexto de competição econômica predatória. Há um vídeo imperdível para quem já assistiu a série no qual Steffen Huck (economista e diretor do WZB, iniciais em alemão para “Centro de Ciências Sociais de Berlin”), e Sir Peter Jonas (economista da WZB) discutem com Vince Gilligan (criador da obra) implicações artísticas, econômicas e sociais envolvendo Breaking Bad.

Tido por boa parte do público e da crítica como a melhor série de televisão já feita, Breaking Bad explora temas como as condições econômicas, o narcotráfico, as relações familiares, a autoafirmação e a transformação dos valores morais do indivíduo em contextos extremos.

Assim, cabe concluir que não faltam facetas, seja na academia ou no cinema, para se explorar o mundo que permeia a “narco-economia”. Esse mercado reflete não apenas o mundo em que vivemos, mas também nossos valores enquanto sociedade e enquanto indivíduos.

Leonardo de Angelis Leonardo. Graduando em Gestão de Políticas Públicas (EACH-USP) ex colaborador do ProjetoCineGRI.

A GUERRA ÀS DROGAS NA INDONÉSIA

O que a pena de morte aos brasileiros Marco Archer e Rodrigo Gularte tem a ver com a Guerra do Ópio e com a Guerra Fria?

Em um dos últimos textos falamos de como não podemos encarar a História como um grande processo homogêneo e evolutivo, sob pena de ignorarmos a complexidade inerente a fenômenos sociais, políticos e econômicos ao longo dos tempos. Mostramos isso a partir da relação de potências ocidentais com o tráfico de drogas, desde a sua prática descarada até a proibição dele e a condenação moral dos narcóticos.

No entanto, também não podemos supor que o cenário presente de uma sociedade ou um país seja totalmente auto-determinado e dissociado de seu passado. Embora não devamos usar o passado como bode expiatório para justificarmos a existência e a irresolução de problemas sociais contemporâneos, é preciso identificar as possíveis continuidades que eles estabelecem com a História. Isso ocorre porque os fenômenos históricos são uma orquestra de ritmos: alguns são monotonamente contínuos e duradouros; outros curtos, bruscos e interruptos; e ainda há os que progridem gradualmente de volume.

A questão das drogas no Sudeste Asiático, com destaque para a Indonésia, também ilustra como as heranças do passado, tanto do século XIX, como do XX, repercutem na atualidade. Como vimos, a China oitocentista foi profundamente abalada pela proliferação do ópio, tendo em vista os impactos patológicos e sociais decorrentes do uso do narcótico em grandes parcelas de sua população. O mesmo ocorreu, em menor escala, em diversas colônias europeias no Sudeste da Ásia - Malásia (colônia britânica), Vietnã (Indochina Francesa), Cingapura (britânica), Tailândia (francesa e britânica) e

Indonésia (holandesa) -, que não apenas serviam de parada nas rotas comerciais para a China, como também de mercados compradores da substância. Essas colônias, ainda devido ao estímulo inicial da presença comercial britânica, ao longo do tempo também acabaram por se desenvolverem como grandes produtoras de narcóticos, especialmente de ópio [1]. Tanto é que hoje esses países são alguns dos maiores produtores ilegais de metanfetamina (droga sintética celebrizada pelo seriado *Breaking Bad*).

Assim, pode-se dizer que o trauma da introdução em larga escala dos narcóticos no Sudeste Asiático ainda tem profundo impacto no século XXI. Podemos perceber como isso se manifesta nas políticas de drogas desses países, das mais severas do mundo. Embora a Indonésia não seja, portanto, uma exceção em relação a seus vizinhos, sua rigidez na punição ao tráfico de drogas veio à tona com a recente condenação em 2015 de estrangeiros à pena de morte (entre os quais, dois brasileiros, Rodrigo Gularte e Marco Archer Moreira). Em contraponto, as execuções mobilizaram, em vão, reações da comunidade internacional. Apesar de todo o traumático histórico da Guerra do Ópio, o atual rigor das leis indonésias sobre comercialização e consumo de drogas também é pontuado por um sombrio legado ditatorial.

O país atravessou durante a maior parte da segunda metade do século XX uma ostensiva ditadura militar, que eclodiu em meio à tensão da Guerra Fria. A Indonésia conquistara sua independência em 1949, e um dos líderes do movimento de descolonização, Ahmed Sukarno, era presidente desde 1945. Sukarno, cujo posicionamento ideológico mesclava "populismo", nacionalismo e islamismo (a Indonésia é um país de enorme maioria muçulmana), desenvolveu uma política externa "terceiro-mundista" [2] hostil às potências capitalistas e próxima à China comunista de Mao-Tsé-Tung. O chefe político também adotou medidas autoritárias e centralizadoras (como a extinção de todos os partidos políticos em 1956, seguida da instauração da "Democracia Dirigida", em 1959, regime político assentado no culto ao Estado e à Nação [3]) e centralizadoras (se proclamou Presidente vitalício em 1963). Diante desse cenário, uma possível tentativa de golpe de Estado por parte de generais comunistas e o assassinato de militares anticomunistas em 1966 foram o estopim para um golpe de Estado, desta vez apoiado pelos Estados Unidos, de direita e contra o alegado populismo de Sukarno, que acabou deposto.

Em seu lugar, o general Mohamed Suharto não foi menos tirânico: após sua ascensão, implantou no país uma das mais abjetas ditaduras militares do último século, que duraria até 1998, quando o militar renunciou no meio de uma onda de protestos e de uma grave crise econômica. No saldo de seu regime, está um massivo extermínio de supostos comunistas apoiadores de Sukarno, estimado em cerca de meio milhão de mortos, além de quase 750.000 pessoas torturadas ou enviadas para campos de concentração. Não bastasse, em intervenção no Timor Leste entre 1975 (após a descolonização portuguesa) e 1999, o regime indonésio chegou a matar 300.000 pessoas. Tudo isso com a frequente benção da CIA. Números ultrajantes até a espinha e do mesmo quilate dos Totalitarismos, para dizer o mínimo, porém pouquíssimo conhecidos no Brasil.



Em virtude dessa repressão tão estrutural e opressiva por parte do Estado até poucos anos atrás, é patente que a Indonésia ainda não pôde atingir uma democracia consolidada e um firme respeito por direitos individuais básicos, como o da manutenção da vida. Não surpreende, então, que as suas leis contra o tráfico de drogas sejam tão duras e prescrevam até a pena de morte. Recentemente, nem mesmo a eleição em 2014 de Joko Widodo, presidente considerado por alguns mais progressista, conseguiu alterar substancialmente esse cenário de Guerra às Drogas. Empresário bem-sucedido e de origem humilde, o carismático Joko Widodo pertence ao mesmo partido de Sukarno (Partido Democrata Indonésio, PDI-P) e é o primeiro líder máximo indonésio sem ligação direta com o regime de Suharto. Porém, uma das suas plataformas de campanha foi o recrudescimento na Guerra às Drogas, pauta que conta com grande popularidade junto à maioria da população, segundo pesquisas de opinião, provavelmente pela grande penetração que o uso das substâncias tem na nação e os problemas de saúde pública que acarreta [4]. Cumprindo suas promessas, Widodo têm reiteradamente negado os pedidos de clemência de diversos traficantes condenados à pena de morte [5].

De todo modo, podemos atestar que a tensa relação da Indonésia com as drogas não é de hoje, sendo moldada por duas temporalidades distintas. Uma mais antiga, remontando à época da hegemonia britânica no XIX, e outra, ainda recente, tragicamente marcada pela Guerra Fria. Ignorar esse peso do passado é ignorar a profundidade do problema social, político e de saúde das drogas na Indonésia, que tampouco tende a se resolver no curto prazo. * Para quem quiser conhecer mais sobre a brutalidade da ditadura indonésia e a impunidade de seus agentes violadores de direitos humanos, veja o trailer de *O Ato de Matar*, documentário do norte-americano Johua Oppenheimer.

[1] SAKHO, Antoine. *The Opium Wars never ended: Narcotics trauma in South-East Asia*.

[2] Não à toa, Sukarno foi o artífice da Conferência de Bandung (ocorrida na cidade indonésia de Bandung, em 1955), que fortaleceu o movimento do “Terceiro-Mundismo” ou Movimento Não-Alinhado. Esse movimento geopolítico defendia a independência das nações capitalistas subdesenvolvidas (de “Terceiro Mundo”) se tornarem verdadeiramente independentes às desenvolvidas e ex-imperialistas. Um dos frutos dessa corrente foi o fenômeno do Pan-Africanismo e Pan-Arabismo, que visavam a união dos países africanos e árabes sob uma orientação comum nacionalista e socialista.

[3] GEERTZ, Clifford. *Observando o Islã: o desenvolvimento religioso no Marrocos e na Indonésia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004, p. 95

[4] Especialmente entre jovens e turistas estrangeiros.[]

5] De qualquer modo, essas políticas de repressão ao comércio de drogas não têm surtido o efeito de diminuir sua disseminação. “Apesar do endurecimento da lei e da imposição de pena de morte para traficantes, não se pode dizer que

o uso de drogas está diminuindo. Segundo a agência anti-drogas do país, só entre 2012 e 2014 o consumo aumentou 25%, para 4,5 milhões de usuários de drogas ilegais.”

José Bento de Oliveira Camassa. Graduando em História (FFLCH-USP), ex colaborador do Projeto CineGRI.

O CRESCENTE QUESTIONAMENTO À “GUERRA ÀS DROGAS”: TRÊS FILMES SOBRE DIFERENTES ASPECTOS

Nos últimos anos, movimentos pela descriminalização ou legalização de drogas leves e recreativas têm ganhado força e maior adesão. Recentemente, vimos, por exemplo, a legalização da maconha nos estados norte-americanos do Colorado, Oregon, Washington e Alasca e, na América do Sul, no Uruguai. Na mesma toada, o México também tem cogitado legalizar a cannabis, no intuito de minar o poderoso narcotráfico atuante no país. Além disso, a influente publicação britânica *The Economist*, referência obrigatória para o pensamento econômico liberal, também se posicionou neste ano favorável a regulamentação da substância psicoativa, apontando que os argumentos favoráveis à legalização venceram a defesa da “Guerra às drogas” e argumentando que o próximo passo no que tange o tema é debater a taxaço da maconha e políticas de saúde que reduzam seus danos aos usuários.

Essa tendência, é claro, não se consolidaria sem que tivesse uma larga produção intelectual, cultural e jornalística por trás. O ramo do cinema, especialmente, produziu recentemente várias obras que tratam do tema. Apresentaremos alguns documentários que vão nesse sentido, com recortes bastante diversos.

O primeiro é o brasileiro *Quebrando o Tabu* (Fernando Grostein Andrade, 2011). O documentário procura abrir o debate sobre a descriminalização e legalização das drogas, abordando diversos problemas sociais e de saúde pública relacionados com o tema no Brasil e no mundo. Ancorado pelo ex-presidente brasileiro Fernando Henrique Cardoso, o filme entrevista diferentes autoridades políticas sobre o assunto, como os ex-presidentes estadunidenses Bill Clinton e Jimmy Carter, e médicos como Dráuzio Varella. Busca-se, com

isso, desestigmatizar o usuário da cannabis e apresentar o uso das drogas como um problema de saúde pública, não devendo ser alvo apenas de políticas que foquem a repressão estatal. O filme *Quebrando o Tabu* foi um dos responsáveis por reacender o debate sobre a política de drogas no Brasil em 2011, tendo as discussões sobre o assunto se intensificado desde então. Também é interessante notar que a página do filme no facebook, que inicialmente se prestou a tratar apenas da divulgação do documentário e do tema das drogas, angariou um grande público e passou a realizar postagens sobre política. Hoje, é uma das páginas sobre política mais curtidas no facebook, tendo mais de 3 milhões e oitocentos mil seguidores. Isso mostra como o tema das drogas pode atualmente ser um catalisador para se debater outros temas sociais.

O segundo, *Illegal* (Tarso Araújo e Raphael Erichsen, 2014), também é um documentário brasileiro, mas trata do tema das drogas com um recorte bem específico: a luta judicial de pais e mães para importar legalmente medicamentos com a substância canabidiol, produzido a base da cannabis sativa (sem propriedades alucinógenas), para seus filhos, que sofrem de convulsões (em doenças como epilepsia, CDKL 5 e a Doença de Crohn). Também são abordados outros casos de doenças cujos tratamentos receitam medicamentos a base do canabidiol. O filme é fruto da campanha *Repense*, organizada por alguns dos pais, iniciada no começo de 2014 e de uma reportagem da revista *Superinteressante*. Um dos trunfos do filme é mostrar como a luta pela legalização das drogas também passa por demandas medicinais urgentes, à parte da reivindicação, liderada por movimentos antiproibicionistas, do direito individual ao uso de substâncias alucinógenas. Nesse sentido, o filme tem enorme potencial para

sensibilizar um público que reduz a questão da legalização de algumas drogas a uma condenação moral à busca do prazer individual. Como fala Katiele Bortoli, uma das mães mostradas no filme: “Se para salvar a vida da minha filha e dar uma vida melhor para ela eu tiver que traficar, eu traficarei. A palavra é essa, traficar”.



O terceiro tem um perfil bem diferente. *Leaving la floresta* (Caleb Collier, Dan Roge, 2011) é um documentário estadunidense que busca tratar dos danos da Guerra às drogas na Colômbia, levada a cabo em parceria com a política externa norte-americana por meio do Plan Colombia, conjunto de interferências militares dos EUA no país sul-americano. O documentário acompanha a família de Abelardo e Olga, pequenos agricultores colombianos de cacau, iúca e banana-da-terra, que tiveram que abandonar sua propriedade familiar após suas plantações serem totalmente dizimadas por pesticidas atirados por aviões estadunidenses que visavam atingir plantações de coca (para impedir a produção de cocaína). Tendo perdido tudo e sem a menor proteção jurídica, os camponeses se veem em uma situação kafkiana, desprovidos da menor perspectiva para conseguir moradia e trabalho. Esse relato no âmbito micro ajuda a refletir sobre os impactos negativos que a ininterrupta política de Guerra às Drogas deixa pelo caminho, atingindo grupos sociais vulneráveis e que frequentemente nada têm a ver

com a produção, distribuição ou consumo de ilícitos. Se pensarmos nas vítimas inocentes e com reiterado perfil negro, pobre e morador de áreas periféricas que a repressão ao tráfico de drogas tem produzido no Brasil, vemos um paralelo com a situação colombiana.

Em suma, esses três filmes, ainda que com destacadas diferenças, são exemplares da recente ascensão do debate sobre a criminalização de substâncias ilícitas e as políticas de Estado em relação a elas – vale ressaltar que todos foram lançados nos últimos cinco anos. Mais do que isso, oferecem uma bela amostra de como o tema abarca importantes aspectos jurídicos, medicinais, sociais e diplomáticos, indicando a relevância de ser debatido.

José Bento de Oliveira Camassa. Graduando em História (FFLCH-USP), ex colaborador do Projeto CineGRI

DROGAS: PADRÕES DE CONSUMO E ESTILOS DE VIDA



Ao longo do mês de Abril, a temática dos narcos foi abordada sob diferentes aspectos. Do ponto de vista histórico, social, econômico, falar em Guerra às Drogas exige um contexto muito mais amplo do que os paradigmas atuais nos fazem pensar.

A forma como encaramos a questão das drogas atualmente interfere grandemente nos padrões de consumo, levando à radicalização a partir dos estigmas, ou seja, qualquer uso de drogas ilegais recai no mesmo discurso de dependência e toxicomania, seja a substância que for. Isso leva a uma classificação arbitrária para drogas que podem ser (e normalmente são) de natureza completamente distintas.

Assim, a criminalização faz com que, no Brasil, usuários de crack ou de maconha sejam jogados, muitas vezes, no mesmo saco, mas consumidores de álcool, cigarro e fármacos sejam encarados de forma diferente, até pelo termo que correntemente usamos, taxando uns por "usuários" ou "dependentes" e outros por "consumidores". Além disso, no Brasil, é notório que o padrão de consumo é discriminado, na maioria das vezes, de acordo com a classe social e a cor da pele.

É indispensável ter em vista que, em diferentes tempos e sociedades, o ser humano, e muitos outros animais, possuíram e possuem relações com substâncias que alterem seu estado físico e psíquico. O próprio termo "droga" tem tido diferentes usos de acordo com o contexto sócio-histórico. No dicionário de Antônio Moraes Silva, de 1813, a palavra "designava qualquer conjunto de 'riquezas exóticas', produtos de luxo destinados ao consumo, ao uso médico e também como 'adubo' da alimentação." [1]. Nesse sentido, o documentário Cortina de Fumaça (2010, direção de Rodrigo Mac Niven) procura abordar a questão das drogas e seus tabus também a respeito dessa perspectiva cultural.

Com a participação de intelectuais e pesquisadores, o debate gira em torno justamente de mostrar a intrínseca relação entre o ser humano e o consumo de diferentes substâncias. Conta com a participação de Henrique Carneiro, professor e pesquisador do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, que vem trabalhando esse tema há algum tempo. Em algumas de suas contribuições, Carneiro mostra que "desde a mais remota pré-história, o ser humano busca na riqueza da flora plantas que lhe possam ser úteis. Entre elas, descobre algumas que propiciam sensações especiais: seu consumo altera a consciência, o humor, a disposição, o sono." [2].

Assim, na Antiguidade Clássica, o vinho já aparece associado á divindade na figura do deus greco-romano Dioniso/Baco; também relacionado ao próprio Jesus Cristo, seja no poder de transformação da água, seja na representação de seu sangue. No brasão do Brasil imperial, que se manteve na República, destacam-se o ramo do tabaco e o do café. Por sua vez, a noz de cola e a folha de coca, drogas excitantes, são responsáveis de longa-data pela produção de bebidas tônicas [3]. A própria literatura de Monteiro Lobato nos trás o polêmico "pó de pirlimpimpim", que possui propriedades "mágicas" muito peculiares. Sob muitas circunstâncias, falar em consumo de drogas varia de acordo a diversos pressupostos. Considerar os padrões de consumo atuais é entender a íntima relação que possui com os estigmas criados pela "Guerra às Drogas" e as próprias estruturas econômicas capitalistas. Café, chás, tabaco, álcool, alucinógenos, fármacos e tantos outros, estão e estiveram presentes em diferentes sociedades, das organizações pré-históricas ao Capitalismo atual; em sociedades indígenas, sem-Estado e na sociedade do controle. Falar em padrões de consumo e estilos de vida, na ampla temática das drogas, é, primeiramente, ter em vista que não se trata de um fim em si mesmo.

[1] AVELAR, Lucas. Uso se branco, abuso se preto. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 10, nº 110, Novembro de 2014.

[2] CARNEIRO, Henrique. Portais de todo prazer.

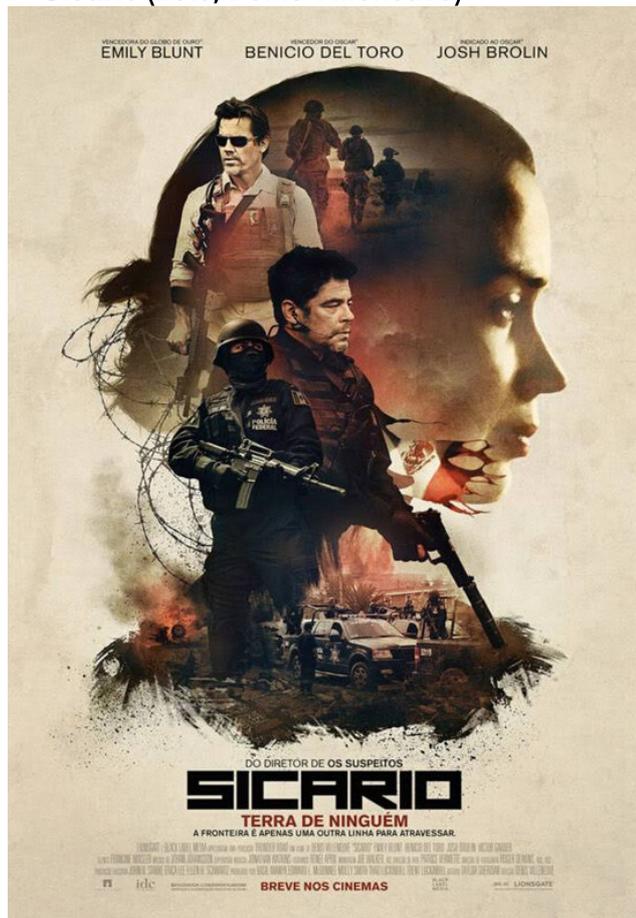
[3] Idem.

Rayssa Mendes. Graduanda em História (FFLCH-USP), ex bolsista do Projeto CineGRI.

NARCO-CINEMA: CENÁRIOS IMAGINÁRIOS DE UMA REALIDADE BRUTAL: # TOP 10

O mês de abril marcou o projeto CineGRI com textos excepcionais sobre o complexo mundo da narcocultura sob uma perspectiva social, econômica e política. E como não poderia deixar de ser, inúmeras obras da 7ª arte tratam do assunto. A proposta nesse #Top 10 é indicar filmes e documentários que reflitam sobre o consumo e o comércio de substâncias entorpecentes, bem como sobre todos os conflitos, pessoais ou sociais, associados ao fenômeno. Vale destacar que muitas obras aqui comentadas possuem tanto conteúdo e particularidades que mereceriam textos completos somente com sua análise, contudo vamos nos esforçar para provocar a curiosidade do leitor em assistir aos filmes e aproveitar toda a reflexão proposta por eles. A maioria dos filmes indicados estão disponíveis no Netflix.

1 - Sicario (2015, Denis Villeneuve)



Um dos maiores diretores da atualidade, o canadense Denis Villeneuve define seu mais recente longa-metragem como um “poema sombrio”, uma definição precisa sobre sua abordagem do conflito que envolve o tráfico de drogas entre a cidade mexicana de Juárez e o Texas nos EUA. Sem revelar muito sobre o roteiro, escrito por Taylor Sheridan, o filme passa uma dolorosa e desesperadora mensagem: não existe solução absolutamente justa de curto ou médio prazo para o problema do narcotráfico. A agente do FBI Kate Macy (protagonista interpretada por Emily Blunt) nos serve como condutora do filme: vamos sabendo mais sobre esse mundo sombrio da narco-guerra junto com a protagonista. A agente também representa o pilar moral do filme, preocupando-se sempre em seguir Lei em todas as ações que está envolvida. Contudo, de acordo com o misterioso Alejandro (personagem vivido brilhantemente por Benicio Del Toro, e que em minha interpretação, dá o título do filme), “esse mundo é um mundo de lobos”. Com essa máxima em mente, vemos a visão da agente Macy ser solapada pelo pragmatismo inescrupuloso do agente Matt (interpretado por Josh Brolin), no qual a Lei não está nem mesmo em segundo plano, mas sim a eficiência no combate aos cartéis de drogas e à redução dos danos gerados pela narco-guerra. No fundo, esse é o dilema essencial que o filme apresenta: qual a validade da máxima “o ótimo é inimigo do bom? ”, qual visão de mundo é a mais correta para o enfrentamento de um problema tão complexo? Sicario jamais aborda essas questões de forma simplista, representando uma obra soberba sobre o tema e que nos deixa absolutamente angustiados, não só pela sua história e direção, mas também pela sufocante trilha de tambores conduzida por Jóhann Jóhannsson e pela magnífica fotografia do lendário Roger Deakins, uma obra de arte à parte.

2 - Cartel Land (2015, Matthew Heineman)



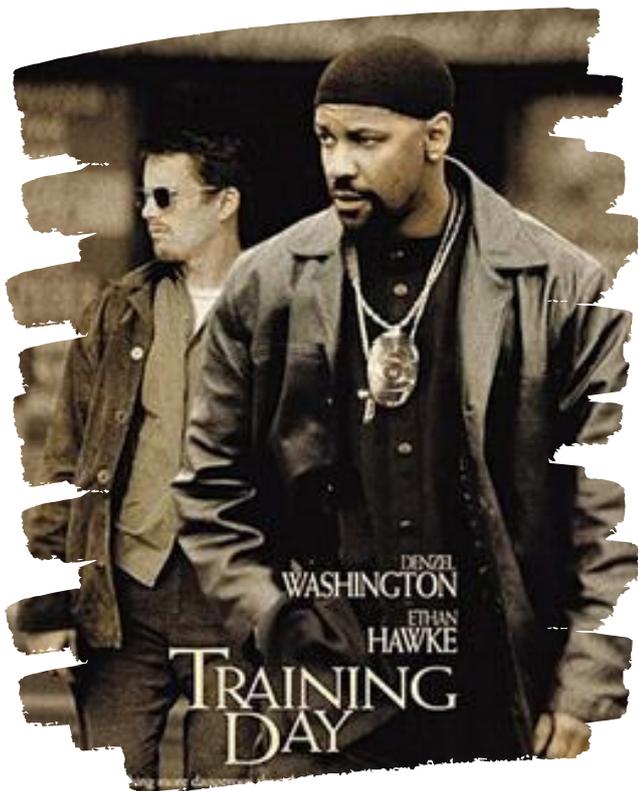
Diferente do que ocorre quando assistimos até mesmo aos filmes mais violentos, acompanhar cenas reais de pessoas sendo esmurradas, corpos mutilados e funerais de inocentes, percebemos a frieza e a brutalidade do mundo em que vivemos. Esses são alguns elementos que fazem “Cartel Land” ser, sem sombra de dúvida, um dos documentários mais tensos e impressionantes já feitos. O diretor Matthew Heineman merecia ser premiado não só pela condução magistral dessa obra, mas também pela sua coragem de filmar cenas como trocas de tiros reais entre narcotraficantes e cidadãos armados. A história parece sair de um roteiro dos irmãos Coen, porém é a realidade do estado mexicano de Michoacán: após ações cruéis do cartel dos Cavaleiros Templários, um grupo liderado pelo Dr. José Mireles inicia um movimento de “vigilantismo” conhecido como Autodefesa, que armou a população civil para se defender das ações dos Cavaleiros Templários. Os desdobramentos dessa situação, que envolve a ascensão, auge e declínio do grupo de Autodefesa, estabelecem um arco fascinante sobre o complexo problema do tráfico de drogas, o envolvimento do governo mexicano com os cartéis e, no fundo, sobre as fraquezas e complexidade do ser humano.

3 - Narco Cultura (Shaul Schwarz, 2013)



É impossível assistir ao documentário “Narco Cultura” e não fazer paralelos entre o “narco-corrido” mexicano, estilo musical que mistura ritmos tradicionais mexicanos com letras que saldam os atos de narcotraficantes, e outros fenômenos culturais, como o “funk ostentação” no Brasil ou ao “gangsta rap” dos Estados Unidos. A narrativa não é tão focalizada em uma história como em “Cartel Land”, apesar de em “Narco Cultura” também presenciamos os atos brutais dos cartéis, envolvendo gravações de cabeças decapitadas e corpos incinerados sob a trilha contrapontística do “narco-corrido”. Enquanto “Cartel Land” é um relato que funciona quase como um estudo de caso sociológico, “Narco Cultura” é mais focalizado nos impactos generalizados do narcotráfico na cultura da cidade de Juárez e no México. O enorme apoio popular que constriem também as ações do laboratório forense da cidade, que acompanhamos também ao decorrer da obra. A reflexão final do documentário é pensar no processo que fez dos narcotraficantes modelos a serem seguidos por parte da juventude mexicana.

4 - Dia de Treinamento (2001, Antoine Fuqua)



A fatídica lógica de Adhemar de Barros do “rouba mas faz” parece conversar tangencialmente com a trama de “Dia de Treinamento”: na medida que acompanhamos os métodos “não convencionais” do policial da equipe de narcóticos Alonzo (Denzel Washington) questionamos juntos com o protagonista Hoyt (Ethan Hawke) se aquela realmente é a única forma de lidar com tráfico de drogas de Los Angeles, pensando na Lei de forma mais “flexível”. O filme é uma das tramas policiais favoritos de muitos cinéfilos e realmente vale muito pelo questionamento proposto, pela observância do lado policial do combate aos narcóticos e pela tensão ininterrupta percorrida durante as 24h do treinamento de Hoyt (principalmente pela sequência da banheira), embora o roteiro de David Ayer decepcione um pouco na parte final por simplificar uma situação tão complexa e realista, na qual o bem e o mal representam apenas perspectivas distintas.

5 - Onde os Fracos Não Têm Vez (2007, Irmãos Coen)



Filmes magistrais como “Onde os Fracos Não Têm Vez” permitem análises aprofundadas de aspectos como o som e a lógica visual. O crítico de cinema Pablo Villaça discute brilhantemente esses fatores em uma icônica cena de “Onde os Fracos Não Têm Vez” nesse vídeo. No roteiro, a história se passa no Texas da década de 1980 e o fator que liga os personagens do filme é o dinheiro que foi deixado para trás em um massacre com um cartel mexicano. O veterano do Vietnã Llewelyn Moss (interpretado por Josh Brolin) encontra por acaso o dinheiro e decide tomá-lo para si. Assim, Moss começa a ser perseguido por integrantes do cartel e, principalmente, pelo psicótico Anton Chigurh (vivido brilhantemente por Javier Barden). Em meio a trama, temos o xerife Ed Tom Bell (feito por Tommy Lee Jones) que tenta impedir que Moss seja morto por Anton Chigurh, e que, na medida em que se depara com a matança promovida pelo psicopata, também faz questionamentos filosóficos a respeito da vida e

de como ela é entendida na atualidade. No fim das contas, conforme apontado brilhantemente por **José Bento de Oliveira Camassa** em um dos textos anteriores, temos frequentemente a errônea impressão de que a História está sempre avançando ou progredindo. Acredito que uma das grandes reflexões dos Coen desse filme seja justamente apresentar um “Velho Oeste” contemporâneo, talvez até mais degradado moral e eticamente do que o do século XIX

6 - Trainspotting (1996, Danny Boyle)



A perspectiva pessoal e relacional do uso de drogas é retratada de forma única em “Trainspotting”. Cidades como Edinburgo (capital da Escócia) já viveram crises de consumo massivo de drogas pesadas. Assim como São Paulo, que vive problemas de saúde pública com relação a utilização do crack, boa parte da Europa já foi afetada fortemente pelo uso intensivo da heroína. Nesse filme, baseado no livro de Irvine Welsh de mesmo nome, acompanhamos o protagonista Renton (um dos papéis mais icônicos de Ewan McGregor) viver a máxima dos “viciados”, na qual a doença é a manifestação de vida sóbria e normal, enquanto que as drogas representam o tratamento. Essa é a base do clássico discurso de abertura do filme, que vem ao som da música “Lust For Life” de Iggy Pop. No fim das contas, vale assistir como o filme mostra situações insólitas vividas por Renton e seus amigos e como as drogas representam um fim em

si mesmas, dando sentido para a vida de seus usuários, enquanto seus corpos permitirem. Outro filme que também explora uma temática parecida, mas em um contexto absolutamente distinto, é “Medo e Delírio em Las Vegas” (Terry Gilliam, 1998). Um dos melhores livros o lendário jornalista Hunter S. Thompson, o filme mostra os personagens de Johnny Depp e Benicio Del Toro consumirem quantidades avassaladoras de alucinógenos e traçarem uma espécie de desconstrução do “sonho americano”.

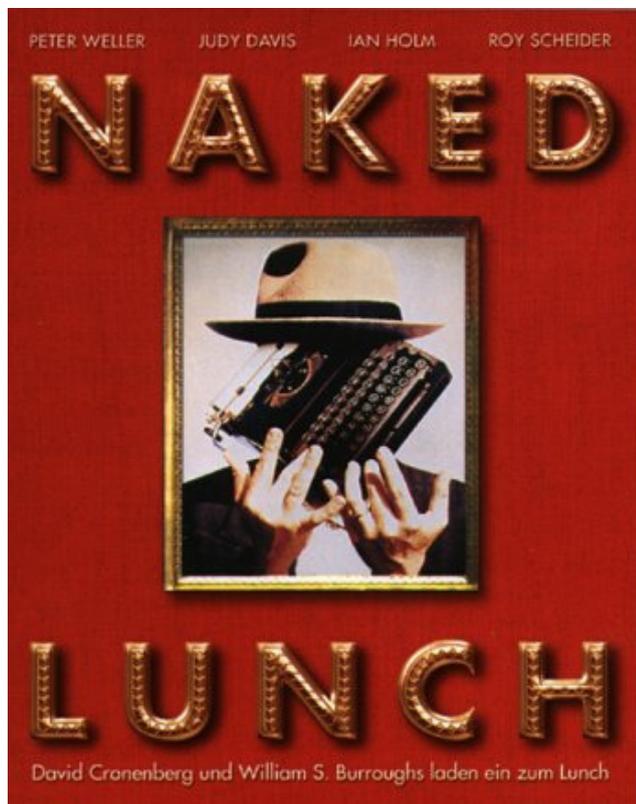
7 - GoodFellas (1990, Martin Scorsese)



Uma das maiores obras de todos os tempos sobre o crime organizado, “GoodFellas” é um filme obrigatório para todos os amantes do Cinema. Enquanto no México a ambição de alguns jovens é tornar-se um narco-traficante, nesse filme a ambição do protagonista irlandês-italiano Henry Hill (o ponto alto da carreira de Ray Liotta) é tornar-se um mafioso. É interessante notar que os integrantes da máfia, assim como dos cartéis mexicanos, nunca se definem como meros traficantes de drogas: fazer parte dessas

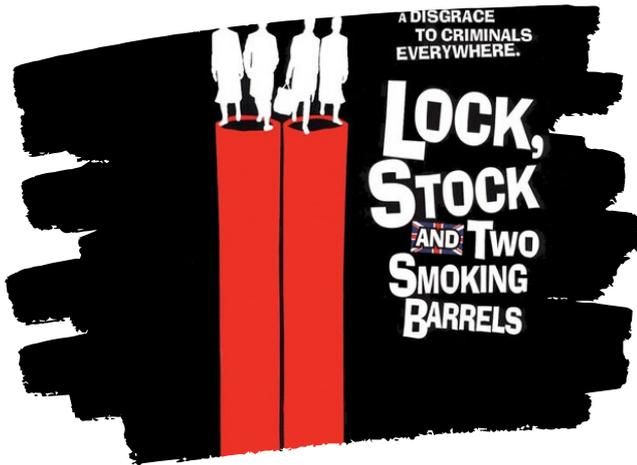
organizações é um estilo de vida com um estrito código moral e de honra, do qual estão dispostos a dar a própria vida para cumprir. Nesse sentido, é curioso notar que a ascensão, auge e declínio de Hill parecem confirmar os “10 mandamentos do traficante” da música “Ten Crack Commandments”, clássico do hip-hop escrito por Notorious B.I.G em 1997. Na música, alguns dos mandamentos são: nunca confie em ninguém (nº 3), nunca se drogue com sua própria mercadoria (nº 4) e mantenha seus negócios e família completamente separados (nº 7). Basta assistir ao filme para perceber o que acontece com o protagonista e com os outros personagens quando essas “regras” são desrespeitadas. Enfim, muitos cinéfilos têm “GoodFellas” como seu filme preferido da filmografia de Scorsese (que possui nomes de peso como “Taxi Driver”, “Touro Indomável” e “O Lobo de Wall Street”), o arco de seu protagonista é construído de forma magistral e ainda temos interpretações sublimes de Robert de Niro e Joe Pesci. Indispensável.

8 - Mistérios e Paixões (David Cronenberg, 1991)



Sem sombra de dúvida, “Mistérios e Paixões” é o filme mais desafiador, estranho e psicodélico de toda essa lista de recomendações. Só para se ter uma ideia, a droga consumida pelo protagonista Bill Lee (um dos melhores papéis da extensa filmografia de Peter Weller) é veneno de barata. O filme é uma adaptação cinematográfica do livro de William S. Burroughs “Naked Lunch” (1959), uma ficção meta-biográfica escrita enquanto o autor morou em Tangier (Marrocos). “Mistérios e Paixões” costuma gerar extrema admiração ou rejeição por parte de seus espectadores, mas sem jamais deixar de provoca-los. Como todo filme noir (ou neo-noir nesse caso) sua estrutura se baseia em uma lógica de investigação da relação do protagonista com mundo que o cerca. Com toques kafkanianos, o filme é narrado a partir dos delírios e alucinações do protagonista, que vê as máquinas de escrever que trabalha se transformarem em criaturas semelhantes a baratas, entre outras loucuras semelhantes. É possível interpretar que a paranoia crescente de Bill Lee sejam reflexos de seu subconsciente, manifestando-se na necessidade de escrever relatórios diários em sua máquina de escrever. Uma vez que as amarras de sua vida ordinária se desfazem após o contato com a droga, suas emoções, convicções, desejos e medos materializam sob a forma de conspirações, monstros e paranoias. Esse filme não deve ser assistido de forma superficial, ele exige um olhar mais apurado de seus expectadores, que provavelmente uma obra incômoda, mas inesquecível.

9- Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes (1998, Guy Ritchie)



O lendário crítico de cinema Roger Ebert caracterizou “Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes” como uma mistura do cinema de Quentin Tarantino com o dos irmãos Marx. Com interpretações interessantes de Jason Statham, Jason Flemyng, Nick Moran e Sting (vocalista do The Police), o filme é uma espécie de “dark comedy” que retrata um grupo de amigos que necessita pagar uma dívida e para isso decidem roubar os produtores de maconha da cidade. Contudo, uma série absolutamente inesperada de eventos conduz o espectador para um roteiro labiríntico e cada vez mais surpreendente a cada reviravolta. É interessante observar como um filme bem conduzido faz uma realidade tão problemática ser abordada de uma forma tão divertida e cheia de estilo. O filme também é o primeiro grande sucesso da carreira de Guy Ritchie, que teve seu auge em seu filme seguinte, o inigualável Snatch (2000). De qualquer forma, “Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes” é o tipo de filme que sem dúvida divertirá principalmente os expectadores que apreciam o verdadeiro “humor politicamente incorreto”, feito para desafiar a moral da sociedade e provocar seu expectador.

10 - Traffic (2001, Steven Soderbergh)



Um dos maiores estudos sobre a questão do narcotráfico, “Traffic” é obrigatório para se entender mais sobre o assunto. Nesse filme é retratado desde a fabricação das drogas, nos campos de plantação de coca na América Latina, até seus consumidores finais, que residem em todos os outros continentes do planeta. Apresentando toda a complexidade da questão por meio de uma narrativa que permeia simultaneamente três histórias, a obra de Steven Soderbergh parece uma versão mais didática de “Sicario”, apesar dos filmes retratarem momentos distintos da questão da “guerra as drogas”. Um elenco muito bem encaixado, com destaque novamente para a brilhante interpretação de Benicio del Toro, “Traffic” fornece uma excelente base para discussões a respeito da legalidade e da legitimidade de uma questão tão delicada.

Leonardo de Angelis Leonardo. Graduando em Gestão de Políticas Públicas (EACH-USP), ex colaborador do ProjetoCinegri.

FONTES E REFERÊNCIAS

Imagens utilizadas:

Página 4

Logo ONU . FONTE : "Guia do Estudante". Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/blog/atualidades-vestibular/entenda-o-que-e-a-organizacao-das-nacoes-unidas-onu/> Logo da onu

Página 6

Simon Bolivar. FONTE: blog danizado. Disponível em: https://4.bp.blogspot.com/_gwHl48STRVQ/TJfDyC2kJI/AAAAAAAAABvI/_R__Pu2wL2M/s1600/Simon_Bolvar.jpg

Página 7

"NSA logo" . FONTE: DefesaNet . Disponível em: : <http://www.defesanet.com.br/cyberwar/noticia/13125/EUA--governo-divulga-relatorio-da-NSA-admitindo-varias-violacoes/>

Página 8

"Foto Haiti 1" - FONTE: Nações Unidas. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/novo-relatorio-mostra-numero-recorde-de-criancas-mortas-e-mutiladas-em-conflitos/>
 "Foto Haiti 2" - FONTE: Gazeta do povo. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/forças-de-paz-haiti-abandono-filhos/>
 Capacetes Azuis. FONTE: DW. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/dez-anos-de-minustah-p%C3%B5em-%C3%A0-prova-modelo-brasileiro-de-miss%C3%A3o-de-paz/a-17684450>
 foto dos militares

Página 9

"Soldado Brasileiro" - FONTE: Nações Unidas.org

Página 11

"Soldados Brasileiros" - FONTE: SeneNews; Disponível em: https://www.senenews.com/actualites/afrique/mali-les-soldats-de-lonu-surpris-par-les-djihadistes-avec-des-bombardements-dobus_193535.html

Página 13

Filme: Tiros em Ruanda FONTE Filmow . em : <https://filmow.com/tiros-em-ruanda-t6333/>
 Filme : Terra de ninguém. FONTE Filmous.com Disponível em : https://www.filmous.com/no_man_s_land_2001/

Página 14

Documentario : Jambo Aman Fonte- Documentary Storm Disponível em_ <https://www.documentarystorm.com/jambo-amani/>
 Filme: A história de um massacre ' Fonte - Amazon. Disponível em: <https://www.amazon.com/Shake-Hands-Devil-Roy-Dupuis/dp/B0047UJBOU>
 Filme A Informante Fonte. Wikipedia. Disponível em, https://en.wikipedia.org/wiki/The_Whistleblower

Página 15

Documentario U.N.Me Fonte.TheMovieBlog Disponível em. <http://www.themovieblog.com/2012/05/qa-with-ami-horowitz-director-of-united-nations-documentary-u-n-me/>

Filme_ Um dia perfeito Fonte- MovieZine.
Disponível em
<https://www.moviezine.se/movies/en-perfekt-dag>

Filme. O Cerco a Jatodville Fonte_ Pinterest.
Disponível em -
<https://pl.pinterest.com/pin/668925350879743253/?lp=tru>

Página 16

Filme Resolution 819. Fonte Senscritique
Disponível em_
https://www.senscritique.com/film/Resolution_819/430095

Documentario Minustah. Fonte - UN News
Disponível em.
<https://news.un.org/en/story/2013/11/455552-haiti-un-peacekeeping-mission-voices-concern-recent-violence-several-cities>

Página 17

Indígena . FONTE: Pinterest.
Disponível em:
<https://br.pinterest.com/pin/500251471106000406/>

Bope. FONTE Pinterest. Disponível em
<https://br.pinterest.com/pin/228276274840593351/>

Negros Discover Linelle Deunk's FONTE Marie-
Stella-Maris Foundation Disponível em Maria
stella.com

Página 18

"Confronto". FONTE: BuzzFeed. disponível em:
<https://www.buzzfeednews.com/article/alberts-amaha/baton-rouges-mayor-fired-a-police-chief-who-wanted-to-reduce>

Página 20

"Menino com arma". FONTE: Radio Habana Cuba

Página 22

Filme Querida Wendy FONTE_ Amazon.
disponível em_
<https://www.amazon.com/Dear-Wendy-Movie-Poster-Inches/dp/B004UXD9EC>
Filme Eu nao sou seu negro FONTE- Veja Sp .
disponível em .
<https://vejasp.abril.com.br/atracao/eu-nao-sou-seu-negro/>

Página 23

Filme Armas na mesa FONTE_ Pinterest Disponível
em
<https://br.pinterest.com/pin/492159065529358603/?lp=true>
Filme Colors. FONTE_ Bam Magazine Disponível
em <https://bammagazine.com/one-on-one-with-ice-t-and-the-return-of-body-count-keeping-it-real/>
Filme Tiros em Columbine (2002) . FONTE.
Pinterest Disponível em -
<https://br.pinterest.com/pin/501236633498438236/>

Página 24

Filme- Juri Fonte. Bol.com. Disponível em
<https://www.bol.com/nl/p/runaway-jury/1002004000095759/>
Filme- elegante. Fonte Blog El mundo mas alla de
mis ojos - disponível em-
<https://elmundomasallademisojos.wordpress.com/2018/02/15/bowling-for-columbine/>

Página 25

Filme Senhor das armas. Fonte imdb.com

Filme Deal of the century Fonte _ amazon . disponível em <https://www.amazon.es/Deal-Century-USA-VHS/dp/6300270246>

Filme Armados Fonte- Imdb.com disponível em <https://www.imdb.com/name/nm5041308/>

Página 26

"Julian" FONTE: Time Disponível em <https://time.com/5568727/wikileaks-war-on-secrecy/> .

Edward Snowden Fonte. DW Disponível em. <https://www.dw.com/pt-br/snowden-alerta-para-propaga%C3%A7%C3%A3o-de-mentiras-na-internet/a-50431893>

URSS. Fonte The Daily Beast Disponível em. <https://www.thedailybeast.com/heres-how-the-kgb-knew-you-d-be-a-traitor-an-exclusive-look-at-its-recruitment-manual>

Página 27

Filme "A vida dos outros". FONTE: FILME_ a vida dos outros Blog_ Inperu Disponível em: <https://inperu.wordpress.com/2011/12/20/das-leben-der-anderen-the-lives-of-others/>

Página 30

THE AMERICANS FONTE- WOODSTOCK FILM FESTIVAL . DISPONIVEL EM <https://woodstockfilmfestival.org/theamericans>

Página 31

Protesto em Washington no ano de 2013, logo após vazamentos de Snowden, contra as operações de vigilância da NSA. / Fonte: <http://www.pbs.org/newshour/rundown/internet-protest-fight-back-surveillance/>

Página 34

Benedict Cumberbatch interpretando Julian Assange em O Quinto Poder (2013). Fonte: Express Uk. disponível em <https://www.express.co.uk/celebrity-news/415413/First-look-at-Benedict-Cumberbatch-as-Julian-Assange-in-trailer-for-The-Fifth-Estate>

Página 35

Roberto Alcaino (Benjamin Bratt), um dos chefões do tráfico e Robert Mazur (Bryan Cranston), O infiltrado

Foto de David Lee - © 2016 Broad Green Pictures Fonte.

<https://www.imdb.com/title/tt1355631/mediaviewer/rm2876446464>

Página 36

Robert Mazur e Emir Abreu (John Leguizamo) se infiltrando em uma reunião de chefes do tráfico colombiano

Foto de Liam Daniel - © 2016 Broad Green Pictures. Fonte.

<https://www.imdb.com/title/tt1355631/mediaviewer/rm376641280>

Página 37

Sir Roger Casement - Fonte: National Library of Ireland on the Commons.

Página 38

Filme Borboleta Purpura Fonte_ IMDB Disponível em

<https://www.imdb.com/title/tt0363290/mediaviewer/rm1614087680>

Filme Os espões (Les espions, 1957, Henri-Georges Clouzot)

FONTE_ Blog Silent Volume

disponível em <http://silent-volume.blogspot.com/2011/11/les-espions-1957.html>

Página 39

FILME Confissões de um espião nazista (Confessions of a nazi spy, 1939, Anatole Litvak)

Fonte IMDB

<https://www.imdb.com/title/tt0031173/mediaviewer/rm3730088448>

FILME Mata Hari Fonte Pinterest Disponível em, <https://www.pinterest.at/pin/707628160172501225/>

Página 40

FILME CitizenFOUR Fonte _ Twitter @ganyet

FILME O espião que saiu do frio (The spy who came in from the cold, 1965, Martin Ritt)

Disponível em -

<https://www.imdb.com/title/tt0059749/mediaviewer/rm2403013632>

Página 41

FILME . O jogo da imitação (The imitation game, 2015, Morten Tyldum)

Fonte- CBC Disponível em

<https://www.cbc.ca/news/entertainment/the-imitation-game-s-real-life-history-has-link-to-canada-1.2939769>

FILME Ronin (1998, John Frankenheimer)

Fonte IMDB

Disponível em

<https://www.imdb.com/title/tt0122690/mediaviewer/rm3901522176>

Página 42

FILME O aviador Fonte- Pinterest Disponível em

<https://br.pinterest.com/pin/393431717420829947/?!p=true>

FILME O fim do agente W4C (Konec agenta W4C, 1967, Václav Vorlíček) FONTE IMDB

Disponível em

<https://www.imdb.com/title/tt0126985/mediaviewer/rm2484025344>

Página 43

Ópio. Fonte. Geaseeds blog. Disponível em. <https://geaseeds.com/blog/pt-pt/tudo-sobre-o-opio/>

Cocaina. FONTE. Mdsauade. Disponível em. <https://www.mdsauade.com/dependencia/cocaina-crack/cocaina>

Pablo Escobar. FONTE. 3minionuunodc blog. Disponível

em. <https://3minionuunodc2018.wordpress.com/2018/07/19/o-cartel-de-medellin-1976-1993/pablo>

breaking bad. FONTE. Revista Super interessante. Disponível em.

<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/a-formula-para-fabricar-metanfetamina-em-breaking-bad-era-real/>

Página 44

Miami Vice. Fonte. IMDB Disponível em <https://www.imdb.com/title/tt0430357/mediaviewer/rm2916165888>

Página 45

Série Narcos Fonte. Site O tempo. Disponível em <https://www.otempo.com.br/diversao/segunda-temporada-de-narcos-esta-em-pre-producao-na-colombia-1.1102753>

Página 47

Filme El Infierno Fonte. IMDB. Disponível em <https://www.imdb.com/title/tt1692190/mediaviewer/rm704524032>

Página 50

Cartum francês sobre a Guerra do Ópio Fonte. Pinterest Disponível em pg 50 https://www.pinterest.pt/pin/AWEgpxEyNk9uOvgjAibIJuO6CekuvKp3k_ibQ0CkIEuRVrmE6KNLmnY/

Página 53

Breaking Bad Fonte. Mix de series. Disponível em <https://mixdeseries.com.br/bryan-cranston-vai-estrelar-nova-miniserie-dos-criadores-de-good-wife/>

Página 55

Imagem do ditador Suharto, à direita. Fonte. @mazzini_giusepe via twitter. Disponível em. https://twitter.com/mazzini_giusepe/status/1206933308229029893

Página 58

Documentario Ilegal . Fonte. JornalismoJunior.com. Disponível em_ <http://jornalismojunior.com.br/ilegal-para-romper-os-preconceitos/>

Página 59

Menina assoprando glitter. Fonte Clarissa Guerra Blog. Disponível em . <http://clarissaguerra.blogspot.com/2011/02/sabe-para-mim-vida-e-um-punhado-de.html>

Página 62

Filme. Cartel Land. Fonte. Imdb <https://www.imdb.com/title/tt4126304/mediaviewer/rm3134490113>
Filme NarcoCultura <http://carlantropos.blogspot.com/2015/09/narco-cultura-primariodefinamos-lo-que.html>

Página 63

Filme Dia de Treinamento Fonte. Wikipedia .Disponível em. https://en.wikipedia.org/wiki/Training_Day#/media/File:Training_Day_Poster.jpg
Filme. Onde os Fracos Não Têm Vez. Fonte. Imdb. Disponível em. <https://www.imdb.com/title/tt0477348/mediaviewer/rm2296027392>

Página 64

Filme.Trainspotting Fonte. Catraca Livre. Disponível em. <https://catracalivre.com.br/agenda/trainspottin-g-ganha-trilha-sonora-ao-vivo-no-cine-belas-artes/>
Filme GoodFellas. Fonte. Pinterest. Disponível em. <https://br.pinterest.com/pin/373165519103137567/>

Página 65

Filme Mistérios e Paixões. Fonte. Imdb. Disponível em. <https://www.imdb.com/title/tt0102511/mediaviewer/rm2258673152>

Página 66

Filme Jogos, Trapaças e Dois Canos Fumegantes .Fonte. Reddit. Disponível em. https://www.reddit.com/r/wallpaper/comments/1qs13j/lock_stock_and_two_smoking_barrels_1366x768/
Filme. Traficc. Fonte. Imdb. Disponível em. <https://www.imdb.com/title/tt0181865/mediaviewer/rm1363322368>